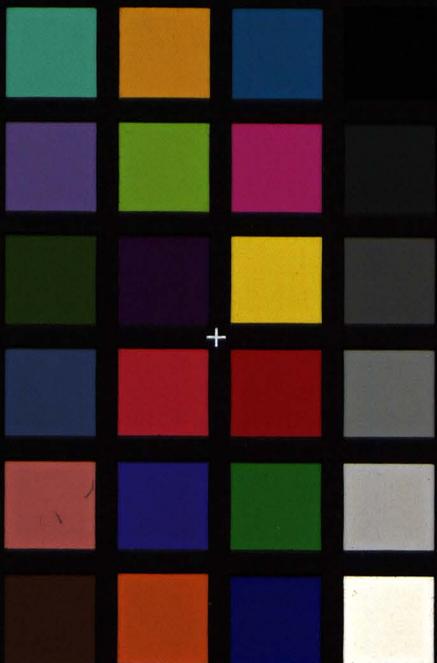


x-rite

colorchecker CLASSIC



mm

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DE
CASCAIS



BMCP



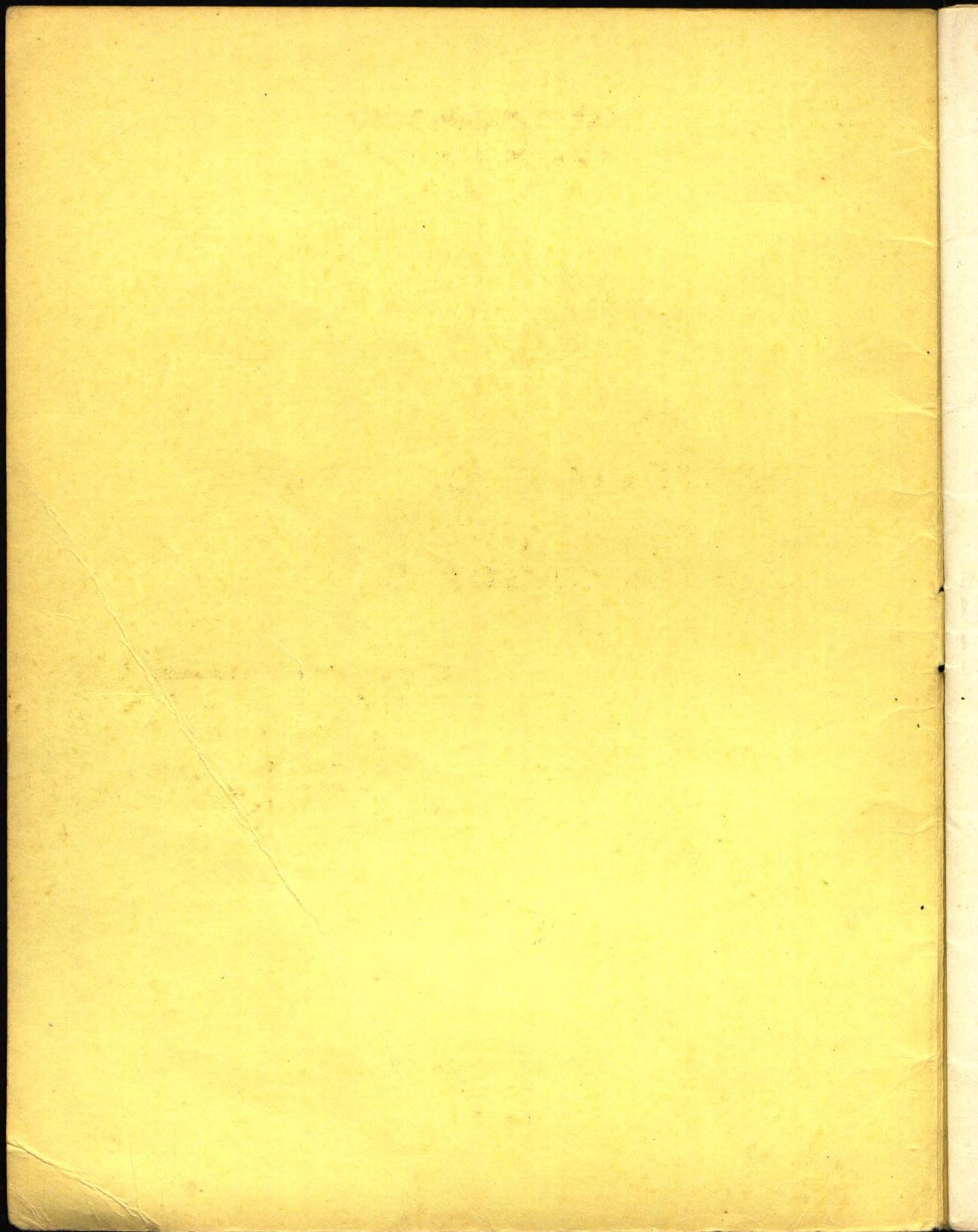
Cascais

08 CAS ENC FL

e Casca

2.^a edição

1976



R275-01
129022
BML
0

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
LICENCIADO EM HISTÓRIA

HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE CASCAIS

2.^a edição revista e actualizada



PAREDE

EDIÇÃO DO AUTOR
CASCAIS
1976

JOSE D'ENCARNAÇÃO

LICENCIADO EM HISTÓRIA

HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DE
CASCAIS

2.ª edição revista e actualizada

1.ª edição — 1972

© José d'Encarnação
Direitos reservados.

Pedidos: R. Eça de Queirós, 89, r/c — Cascais

EDIÇÃO DO AUTOR

CASCAIS

1978

Historia de Cascais e da América

A INTENÇÃO DESTE TRABALHO

Propõe-se que o ensino tenha como ponto de partida a experiência do aluno, a paisagem física e humana em que se insere. Supõe-se — e com fundamento — que tal **motivação** contribui eficazmente para melhor retenção de cultura e, também, para melhor compreensão do mundo.

Por isso — e porque perfilhamos a ideia de que o aluno (de todos os níveis de ensino) há-de estar preparado para enfrentar uma série de situações culturais que lhe exigem ideias gerais e não pormenores abusivos — lançámos mão a este trabalho, enriquecido, nesta sua 2.^a edição, com outros dados de índole sócio-cultural, que pretendem ser igualmente ponto de reflexão e centros de interesse para o curioso em geral.

Cingindo-nos a pontos por nós considerados de maior interesse, partimos da história local e do seu contexto para a história geral portuguesa. Resumidamente. Em esquema entrelaçámos uma noutra.

“História e Geografia de Cascais” será, pois, completamente útil a professores e alunos. Um apelo modesto à descoberta do Passado.

Cascais, 2 de Janeiro de 1976

BIBLIOGRAFIA

Comemorando, em 1964, o VI Centenário da elevação de Cascais a vila, publicou a Câmara Municipal uma importante bibliografia:

- **Cascais - Vila da Corte (Oito Séculos de História)**, por Ferreira de Andrade. Esta obra foi por nós completada com um volume de "Índices e Suplemento", editado pelo Município em 1975 (o suplemento relata os acontecimentos de 1964 a 1972 e traz estatísticas desses anos);
- **A Real Fábrica de Lanifícios de Cascais**, por Maria das Dores Jorge de Goes;
- **Resenha Geológica do Concelho de Cascais**, por Georges Zbyzewski;
- **Cascais Há Quatro Mil Anos**, por Afonso do Paço;
- **A Cultura do Vaso Campaniforme no Concelho de Cascais**, por O. da Veiga Ferreira;
- **Os Regimentos de Cascais**, por Afonso Botelho (história militar);
- **As Fortalezas da Costa Marítima de Cascais**, por Manuel A. Pereira Lourenço;
- **Vegetação Natural do Concelho de Cascais**, por João de Carvalho e Vasconcellos;
- **A Vila de Cascais e o Terramoto de 1755**, por Ferreira de Andrade;
- **Toponímia do Concelho de Cascais**, por J. Diogo Correia (estudo da origem do nome dalgumas localidades);
- **Povoado Pré-histórico da Parede (Cascais)**, por Afonso do Paço.

Outros trabalhos:

- **Notas sobre Alguns Vestígios Romanos no Concelho de Cascais**, por José d'Encarnação, Junta de Turismo da Costa do Sol, 1968;
- **Monografia de Cascais**, dir. por Ferreira de Andrade, Cascais, 1969;
- **Boletim n.º 2 do Museu Condes de Castro Guimarães**, Cascais, 1971. Inclui interessantes artigos sobre o Museu (história, recheio e actividades), a estação romana de Casais Velhos (Guincho), as inscrições romanas de Cascais;
- **Cascais nos Inícios do seu Municipalismo e na Crise de 1383**, por Fernando Castelo-Branco, Cascais, 1972;
- **Cascais**, por Ferreira de Andrade, Lisboa, 1966 (manual turístico);
- **Cascais, Terra de Reis e de Pescadores**, por Eva-Renate d'Esaguy, 3.ª edição, Lisboa, 1953;
- **O Comércio Quinhentista na Vila e no Porto de Cascais**, por João da Cruz Viegas, Cascais, 1940;
- **Memórias da Linha de Cascais**, por Branca de Gonta Colaço, e Maria Archer, Lisboa, 1943;
- **Moscas e Mosquitos** (Campanha da Câmara Municipal de Cascais), Cascais, 1939;
- **Clima da Costa do Sol**, por Armando Narciso e Marques da Mata, Cascais, 1930;
- **A Costa do Sol Hidrológica e Climática**, por Marques da Mata, Lisboa, 1960.
- **Apontamentos para a História da Vila e Concelho de Cascais**, por Pedro L. S. Barruncho, Cascais, 1873.

PRIMEIRA PARTE

Em que ambiente geográfico se passa a História que vamos estudar?

SITUAÇÃO

O território hoje ocupado pelo concelho de Cascais situa-se na chamada península de Lisboa, para ocidente do estuário do Tejo, entre a Serra de Sintra e o Oceano Atlântico. Apresenta os seguintes limites: a norte, o concelho de Sintra; a sul e a ocidente, o Oceano Atlântico; a oriente, o concelho de Oeiras.

MAPAS

Podemos estudá-lo em mapas. Não num **mapa geral** de todo o País, onde ocuparia uma extensão muito pequena. Mas num **mapa regional**, sobretudo numa **carta topográfica**, onde vêm referidos todos os pormenores da paisagem: casas, estradas, caminhos, poços, matas... Todas essas indicações viriam na **legenda**, que nos esclarece o significado de cada sinal utilizado.

Nos mapas aparece também a **escala**, que é a relação entre as distâncias no mapa e as distâncias na realidade. Assim, se a escala for de 1/500 000 (que também se pode escrever: 1:500 000), quer dizer que 1 cm no mapa equivale a 500 000 cm na realidade (ou seja, 5 km). O numerador da fracção indica, pois, a unidade; o denominador, o número de vezes em que a unidade foi diminuída.

A escala, por vezes, é apresentada por um segmento de recta

com divisões, trazendo indicados quantos quilómetros equivalem a cada divisão. Chama-se **escala gráfica**, para a distinguir da primeira (**numérica**). Neste caso, é mais fácil: basta reparar a quanto corresponde cada divisão e, depois, multiplicar pela distância no mapa, para sabermos a distância real.

Num mapa vem também indicada a **orientação**, através, por exemplo, duma **rosa-dos-ventos**: encontrada a direcção norte na realidade, faz-se coincidir com a direcção norte do mapa (isto é **orientar um mapa**) para mais facilmente localizarmos o que nele vem assinalado.

RELEVO

Se observássemos o concelho de Cascais num mapa físico, verificaríamos que o seu território não apresenta grandes elevações. Podemos considerá-lo um terreno ondulado com pequenas colinas e vales não muito acentuados, que se estendem desde a encosta da serra até ao mar.

Cortam-se algumas **ribeiras**, secas durante a maior parte do ano. Somente a **Ribeira das Vinhas**, que vai desaguar na Praia da Ribeira e que atravessa a parte baixa da vila, em túnel, tem maior caudal.

A costa marítima: A) **A sul**, entre o Estoril e a foz do Tejo, alterna as praias com as zonas de rochas (**arribas**).

B) **A poente**, de Cascais ao Guincho, é predominantemente alta, rochosa, tendo o mar formado aqui e além furnas (grutas), devido à erosão, algumas muito curiosas, como a Boca do Inferno. É a zona dos viveiros de marisco e da pesca desportiva. O mar é agitado, assumindo a rebentação particular beleza no tempo das marés vivas. Ao longo dos séculos, muitos barcos ali têm naufragado, como o testemunham as crónicas e os inúmeros achados que se vêm encontrando no fundo do mar. No Guincho, há extensos areais e dunas, cujo avanço para o interior é impedido pela vegetação (mormente pelo pinhal).

CLIMA

O estado climatérico de Cascais não apresenta grandes variações anuais de **temperatura**: nem muito quente no Verão nem muito frio no Inverno, por influência do mar. **Chove** com mais abundância no

Outono: "É esta uma região sem Inverno". Aqui, a seguir a um verão suave e prolongado e a um outono curto, sucede-se uma prematura e longa primavera que abrange quase dois terços do ano. Passadas as leves borrascas outonais, a atmosfera limpa, as brisas acalmam-se, e o Sol brilha, num céu transparente [nebulosidade mínima], de manhã até à noite". É, pois, um clima de tipo **mediterrânico**, influenciado também pelos ventos que sopram do quadrante norte, principalmente no Verão.

A excelência do clima tem trazido para esta região muita gente, ao longo dos séculos. Por este motivo é muito procurada por nacionais e estrangeiros, que nela fixam residência.

Merece referência à parte o clima de **Parede**. Junto ao mar — quer devido aos raios solares, quer por acção marinha — criaram-se condições climáticas de características únicas no Mundo (segundo os entendidos só noutra praia do Japão tais condições existem) adequadas à cura de doenças várias, sobretudo ósseas. Há, nesta localidade, diversos estabelecimentos hospitalares e um solário.

VEGETAÇÃO

Grande parte da **vegetação natural** do concelho é constituída por espécies mediterrânicas.

Abundam os **carrascais**, que substituem a floresta original, que teria, nos locais mais frescos, o carvalho como planta dominante. Além deste, há o carrasco, o zambujeiro, a madressilva, a roseira brava, as estrepes, etc.

Nos locais mais secos, encontram-se a azinheira e o sobreiro.

Junto ao mar, principalmente na costa do Guincho, pode admirar-se grande variedade de pequeninas plantas, de flores mimosas, entre as quais existe uma que não se encontra em mais nenhuma parte do Mundo — a **Armeria Pseudarmeria** (variedade de "saudade").

Nalguns casos, **junto aos ribeiros** e noutros locais húmidos, ainda se vêem ulmeiros e freixos.

Os **chorões**, abundantes no litoral, vieram do Cabo da Boa Esperança e como se espalham muito estão matando a vegetação natural das dunas.

Actualmente, a árvore mais abundante — sobretudo na parte mais sujeita à influência marinha — é o **pinheiro (bravo e manso)**. O pinhal da Marinha constitui a maior mata do concelho.

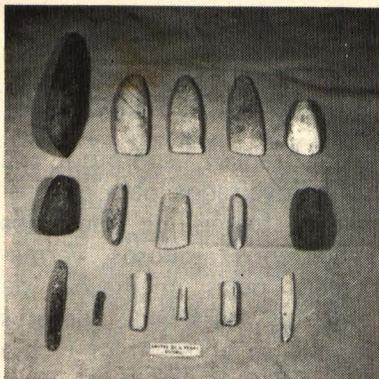
SOLO

O concelho abunda em **calcário** (azul e branco), sobretudo na parte ocidental. Esses bancos foram muito aproveitados para a construção civil, encontrando-se frequentemente fósseis de moluscos marinhos neles incrustados. A **orient**e há terrenos **argilosos**, vermelhos, muito aptos para a cultura de cereais; pelas imediações de Talaíde, por exemplo, aparecem afloramentos **basálticos**, deveras curiosos devido às formas geométricas com que se apresentam (estão a ser aproveitados — e destruídos — para obtenção de gravilha). Também existem **saibreiras**, donde se extraem **arenitos**.

ÁGUA

Cascais não abunda em água. No entanto, diversas fontes vêm sendo citadas desde tempos recuados: as **águas termais** dos Estoris (nascentes cerca da actual Escola Salesiana, junto do actual Hotel Palácio, e na Praia da Poça) são muito referenciadas, principalmente a que brota junto do Hotel Palácio, desaproveitada, apesar de ser termal (brota a 35° C) e excelente para o tratamento de doenças várias.

A chamada Água de S. José (em Parede) foi licenciada como água de mesa em 1936 e concedida como água mineral em 1940; o seu reduzido caudal (8 m³/dia) tornou pouco rendível a sua exploração. A Água de Vale de Cavalos, que já serviu para abastecimento do concelho (entre 1899 e 1912), é hoje uma das **águas de mesa** bastante conhecida (caudal: cerca de 1 m³/hora).



Machados neolíticos de pedra polida e outros objectos de osso encontrados nas grutas de S. Pedro do Estoril.



A gruta I de Alapraia, onde se encontraram importantes vestígios pré-históricos. Concavidades existentes nas rochas têm sido consideradas lagariças lusitanas.



Uma inscrição funerária do tempo dos Romanos, encontrada em Alapraia. É importante, pois — além de trazer a indicação da tribo Galéria (CAL: na 2.^a linha) — refere-se a um cidadão romano, Quinto Mário, com cognome indígena, Tancino.

Uma tampa de sepultura cupiforme (em forma de pipa), com inscrição funerária do tempo da ocupação romana. Foi encontrada em Alapraia.



SEGUNDA PARTE

Neste ambiente, que acontecimentos se deram no decorrer dos séculos?

Foram o clima e a localização (proximidade de Lisboa e do estuário do Têjo) que fizeram o concelho ser habitado desde os mais remotos tempos.

PRÉ-HISTÓRIA

a) UTENSÍLIOS DO PERÍODO PALEOLÍTICO

Cerca de 500 séculos antes de Cristo, por Cascais estanciaram populações paleolíticas, vivendo da caça e da pesca; testemunham-nos utensílios de pedra lascada recolhidos, por exemplo, no Guincho, em Talaíde e na parte alta do Estoril.

O **Paleolítico** ou Período da Pedra Lascada é a época mais antiga da Pré-história. O homem do Paleolítico alimentava-se daquilo que a natureza lhe dava: animais e plantas (**economia recolectora**); abrigava-se em grutas e era nómada (isto é, andava de região em região). Nessas grutas fazia, por vezes, **pinturas rupestres**, que representam em geral caçadas e têm muito interesse para nós porque nos mostram como eram as suas armas, como se vestia, quais os animais que caçavam... No concelho de Cascais não se encontraram pinturas rupestres.

b) UTENSÍLIOS DO PERÍODO NEOLÍTICO

Mais tarde, o homem descobriu a **agricultura** (economia de produção) e houve grande mudança na sua vida. Passou a ser **sedentário** (porque a agricultura o obrigava a estar no mesmo local desde a

sementeira à colheita, e a procurar as terras mais férteis, onde se fixava). Passou a **domesticar os animais** (porque não podia andar atrás deles). Inventou a **cerâmica** (para ter onde guardar os cereais). Passou a viver em **povoados**.

Em diversos locais do concelho se supõe terem existido povoados neolíticos, datáveis de há 4000 anos, aproximadamente: no actual Parque do Estoril, no Guincho, no Murtal e em Parede.

c) GRUTAS DA IDADE DOS METAIS

Depois, o homem aprendeu a trabalhar os metais, que lhe davam melhores instrumentos. O cobre, o bronze e, finalmente, o ferro.

A princípio, utilizava simultaneamente instrumentos de pedra (machados, foicinhas, facas, pontas de seta, folhas de lança) e utensílios de metal.

É justamente dessa época que temos, no concelho de Cascais, o maior número de vestígios, em grutas. Abundam objectos em sílex, calcário, osso, marfim, xisto: botões, placas ornamentadas, alfinetes de cabelo, estatuetas... E **cerâmica campaniforme**, característica duma população que, tendo chegado por mar, continuou a manter contactos comerciais com regiões mediterrânicas. Deste período, algumas das peças descobertas são raras no Mundo.

Além da gruta do Poço Velho (situada na vila), existem as de Alapraia, S. Pedro e Porto Covo.



Vaso campaniforme proveniente da Gruta 2 de Alapraia.

ÉPOCA ROMANA

À Pré-história (em que não se tinha descoberto a escrita) seguiu-se a **História propriamente dita**. Os Celtas, os Iberos e os Lusitanos (derivados duns e doutros) pertencem à História, porque já conhecem a escrita.

Do tempo dos Lusitanos há poucos vestígios em Cascais e não muito característicos. Por exemplo na gruta 1 de Alapraia, uns buracos feitos na rocha têm sido interpretados como lagariças lusitanas.

Aquí não se travaram aquelas lutas ferozes entre Lusitanos e Romanos. Os povos do litoral estavam mais habituados a lidar com gentes doutras paragens, não se encontravam ligados a tradições antigas como os montanheses e recebiam de bom grado todas as influências. Eram mais "abertos".

Dos Romanos abundam os vestígios:

– **topónimos** (nomes de terras): Caparide, por exemplo, deriva da palavra romana **capparis**, que significa alcaparra, erva que abundava nesse local;

– **doze inscrições**, a maior parte delas funerárias, ou seja, feitas em tampas de sepulturas. O estudo dessas inscrições permitiu-nos concluir que a população do concelho, ao tempo dos Romanos, era predominantemente de origem latina, da tribo Galéria, a que se juntaram elementos indígenas. Foram encontradas em vários locais do concelho: Murches, Caparide, Pau Gordo, Alapraia, Alcoitão;

– **um povoado**, Casais Velhos, sito perto do Guincho. Este povoado reveste-se de grande importância, porque, embora pouco extenso, dispunha de aqueduto, dois cemitérios e muralha com torções. Tem edifícios de configuração estranha possivelmente destinados ao tratamento da púrpura, espécie de tinta extraída dum molusco para tingir tecidos ricos, de que os Fenícios foram grandes produtores na Antiguidade.

ÉPOCA VISIGÓTICA

Do período da ocupação visigótica, além da placa de cinturão achada na gruta do Poço Velho, têm-se encontrado cabeceiras de sepultura típicas deste povo bárbaro, sobretudo perto da igreja matriz. Há duas no Museu de Cascais. Em Talaíde, foi escavado no Verão de 1975 um importante cemitério desta época.

ÉPOCA ÁRABE

Da época árabe, não se estudaram ainda os vestígios arqueológicos, que certamente haverá, dadas a quantidade de topónimos ará-

bicos existente, a proximidade do castelo mouro de Sintra e a importância assumida então por Alcabideche.

Várias terras têm nome começado por *al-*, característico dos vocábulos árabes: Alcabideche, Alcoitão, Almuinhas Velhas.

Em Alcabideche nasceu o poeta árabe **Ibne Mucane**, que nos deu bastantes informações sobre o seu tempo. Escreveu ele:

**"Ó tu que vives em Alcabideche
Oxalá nunca te faltem
Nem grãos para semear,
Nem cebolas, nem abóboras.
Se és homem de decisão
Precisas de um moinho
Que funcione com as nuvens
Sem necessidade de regatos"**

(Extraído de "Cascais, Vila da Corte", pág. 12)

Esta poesia traz-nos vários ensinamentos:

1) Que no tempo dos Árabes, a população de Alcabideche (que é como diz a do interior do concelho) se dedicava à agricultura de produtos hortícolas (cebolas, abóboras...) e de cereais. Os Árabes desenvolveram extraordinariamente a agricultura da Península Ibérica.

2) Que a agricultura não devia ser actividade fácil, uma vez que o poeta faz votos de que ao agricultor nada falte, o que equivale a dizer que as colheitas sejam boas.

3) Isso relaciona-se com a referência ao moinho que funcione pela força do vento e não a água, o que nos esclarece não ser esta muito abundante.

Mais diz Ibne Mucane, noutro poema:

**"A minha terra é boa... mas o mal
é que, se o ano é bom, nunca dá mais
do que vinte carregos, vinte e tal de cereais.
E quanto mais promete e mais cuidados
eu lhe dispenso — em sonhos vão me iludo
porque, então, javalis dos despovoados,
surgem, famintos, e devastam tudo!"**

(Ibidem, pág. 36)

Além de acentuar a má qualidade do terreno para a agricultura, esta poesia indica-nos a existência de javalis, certamente vindos das encostas da serra.

I DINASTIA

É DADO FORAL A CASCAIS

Entretanto, começa a Reconquista Cristã.

D. Afonso Henriques, vendo que era importante conquistar o território até ao rio Tejo, assalta Santarém e, ajudado por uma armada de cruzados, apodera-se de Lisboa. A moirama de Sintra e arredores foge. Datará, pois, logo dos inícios da nossa nacionalidade, a ocupação cristã do território cascaense.

A população dedicar-se-ia à pesca e à agricultura.

Cascais estava ligado a Sintra. Sabe-se, por exemplo, que pelo seu porto se exportava a fruta sintrense. Era, porém, extraordinário o desenvolvimento da povoação, sobretudo no que respeita à actividade marítima. De resto, o topónimo Cascais parece ser o plural de cascal (monte de cascas), o que está, sem dúvida, relacionado com a abundância de moluscos marinhos aí existentes.

Ora, tendo em conta esse desenvolvimento e atendendo aos pedidos da população, **D. Pedro I concede-lhe foral de vila**.

O foral era um documento pelo qual se dava aos habitantes duma povoação o privilégio de escolherem os seus magistrados, elevando-a assim à categoria de vila (ou concelho). No foral vinham registados os direitos e os deveres dos habitantes.

O FORAL DE CASCAIS

Diz el-rei D. Pedro no foral dado a Cascais:

"D. Pedro, pela graça de Deus rei de Portugal e do Algarve, a quantos esta carta virem faço saber que os homens bons de Cascais me enviaram dizer que fosse minha mercê de os fazer isentos da sujeição de Sintra, cuja aldeia era, e lhe outorgasse que o dito lugar de Cascais fosse vila por si e houvesse por si jurisdição e juízes para fazer direito e justiça e os outros oficiais que fossem cumpridores para bom regimento deste lugar. E que eles me dariam em cada ano duzentas libras além daquilo que me rendiam os direitos que eu havia do dito lugar. E eu, vendo o que me enviaram dizer e pedir e tendo que é serviço de Deus e meu e querendo fazer graça e mercê

aos moradores do dito lugar de Cascais tenho por bem e mando que o dito lugar de Cascais seja isento da sujeição de Sintra, cuja aldeia era, e que seja vila por si e que haja jurisdição do cível e do crime como hão as outras vilas do meu senhorio que assim são isentas e mando que elejam seus juízes para direito e justiça e façam seus oficiais segundo é costume de fazer nas outras vilas do dito meu senhorio. E eles devem dar a mim em cada um ano daqui em diante as ditas duzentas libras além do que eu aí hei e em testemunho disto lhes mandei dar esta minha carta, dada em Santarém sete dias de Junho...”

Por este documento, de 1364, ficamos a saber que foram os homens bons de Cascais, ou seja, os chefes das principais famílias, que tiveram a iniciativa de pedir ao rei a elevação de Cascais a vila. Tal mercê consistia no privilégio de poderem os habitantes eleger por si quem os governasse.

Quanto a deveres dos súbditos não é este foral explícito: o rei receberá as 200 libras prometidas e os direitos tradicionais (sobre o comércio, principalmente).

No entanto, seis anos depois, em 1370, um outro documento nos surge, agora de el-rei D. Fernando, doando o castelo e lugar de Cascais a Gomes Lourenço de Avelar, em recompensa do valor demonstrado por este fidalgo nas lutas contra Castela. Nessa doação se diz que Cascais “é termo de Sintra” e que o monarca o isenta da sujeição de Sintra, “em que esteve até ao tempo de agora”.

Que teria acontecido? Não chegou a cumprir-se a ordem de D. Pedro I? É bem possível que não. Porquê?

A OPOSIÇÃO DE SINTRA

Cascais, devido ao seu porto, era parte importante do concelho de Sintra.

Por outro lado, havia ao tempo escassez de mão-de-obra, pois muita gente morrera com a peste negra de 1348 (no reinado de D. Afonso IV, pai de D. Pedro).

Foi, talvez, por estes dois motivos que os de Sintra tentaram impedir — e conseguiram — que o desejo dos homens-bons de Cascais, manifestado a D. Pedro e ao qual o soberano acedera, não fosse avante.

D. Fernando veio pôr termo à questão.

GUERRAS COM CASTELA. CRISE DE 1383-1385

Referimos já as guerras que D. Fernando teve com Castela, por se julgar com direito ao trono castelhano.

Cascais também sofreu com elas. Por exemplo, em 1373, os Castelhanos invadiram a vila: **"prenderam os que quiseram e roubaram o lugar de mui grande roubo"**, diz Fernão Lopes, o grande cronista dessa época.

Tendo perdido a luta, D. Fernando teve de casar sua filha D. Beatriz com o rei castelhano, D. João. Deste facto veio grande perigo para Portugal. Porque, sendo D. Beatriz a única herdeira, caso subisse ao trono Portugal perderia a independência. Assim o entendeu o povo, que recusou, após a morte do rei, a vinda de D. Beatriz. Expulsou Leonor Teles, viúva de D. Fernando que estava a governar em nome da filha, e escolheu D. João Mestre de Avis, filho de D. Pedro I, como Regedor e Defensor do Reino, porque só as Cortes tinham poder para eleger reis.

E começa a luta, a crise de 1383-1385, período em que Portugal não teve rei. Cascais, pelo menos no início da crise, esteve em poder dos partidários de D. Beatriz.

Vencemos os Castelhanos em **Atoleiros**, resistimos ao **cerco de Lisboa** e convocaram-se as **Cortes para Coimbra**, a fim de se proceder à eleição do rei.

OS ARGUMENTOS DO DR. JOÃO DAS REGRAS

Grande figura dessas Cortes foi o **Dr. João das Regras**, um legista (homem que sabia as leis). Falando aos representantes do clero, da nobreza e do povo, demonstrou:

1.º — que o **trono estava vago**, porque nenhum dos pretendentes tinha direito ao trono. Na realidade,

— **D. Beatriz** estava casada com um rei estrangeiro e, por isso não podia ser rainha;

— **D. João** e **D. Dinis** eram filhos ilegítimos de D. Pedro (e os filhos ilegítimos não podiam ser reis); além disso, tinham lutado a favor do rei de Castela, eram traidores;

— **D. João Mestre de Avis** também era filho ilegítimo.

2.º — Nestas condições, **competia às Cortes escolher** o melhor. E o melhor era o Mestre de Avis, porque se mostrara corajoso, amigo do povo e desejoso de manter a independência.

DOAÇÃO DE CASCAIS AO DR. JOÃO DAS REGRAS

O Mestre de Avis foi eleito e, para recompensar quem tão bem defendera a sua causa, deu ao Dr. João das Regras a vila de Cascais, que tirou ao nobre senhor dela, por este se ter mantido fiel a D. Beatriz. Diz el-rei:

“(…) **Sabei que nós, por desserviço que recebemos do conde D. Henrique, porquanto sendo nosso vassalo se partiu de nós e se foi para nossos inimigos, o privamos da vila de Cascais**”.

Aliás, foi esta a atitude adoptada por D. João I, relativamente a muitas outras terras de nobres que seguiram o partido de Castela.

II DINASTIA

OS DESCOBRIMENTOS

Com D. João I inaugura-se a 2.ª dinastia, época de grande esplendor para o País. Começam os Descobrimientos.

Sob a direcção do **Infante D. Henrique** (com o seu dinheiro e o da ordem de Cristo, de que era Grão-Mestre), os mareantes portugueses aportam a ilhas do Atlântico e principiam a descoberta da costa africana.

Moviam-nos um **interesse científico**: saber o que havia para além do Cabo Bojador, que mares, que gentes, que nações. Um **interesse económico**: desejavam encontrar ouro, comerciar com outros povos, trocar com eles mercadorias. Um **interesse militar**: ver qual a melhor forma de derrotar os mouros e procurar aliados para essa luta. Um **interesse religioso**: espalhar a Fé Cristã.

Da costa ocidental africana, sobretudo após **Gil Eanes** ter dobrado o Cabo Bojador, começaram a vir as **primeiras mercadorias**: peles, escravos, ouro, marfim — que os Portugueses trocavam por cõn-

chas, tecidos e objectos de uso comum (muito apreciados pelos indígenas).

No reinado de D. João II, é **Diogo Cão** que, em duas viagens, explora o litoral da actual Angola. É **Bartolomeu Dias** que dobra o Cabo da Boa Esperança, trazendo a el-rei a notícia que estava perto a Índia. Se muitos fidalgos ainda eram até este momento, partidários das conquistas no norte da África (a chamada "política africana"), agora, é a corrente burguesa quem vence — **el-rei prepara tudo para atingir os lugares donde provinham as especiarias** (pimenta, gengibre, noz moscada, cravinho, canela...) tão apreciadas na Europa e que viriam a enriquecer Portugal quando, no reinado seguinte, de D. Manuel, **Vasco da Gama** acabasse por descobrir a rota marítima para a Índia.

Cascais deve ter-se associado a estes grandes acontecimentos para a Nação, dada a sua proximidade de Lisboa. **Os seus habitantes e homens de mar seriam porventura os primeiros a anunciar a vinda das caravelas.** Cascais viu a chegada de Colombo, no seu regresso de descobrir a América. Nicolau Coelho, o primeiro capitão da armada do Gama a chegar da Índia, desembarcou em Cascais e daqui se foi a Sintra dar a novidade ao rei.

O movimento da baía era grande, nesse longínquo e esplendoroso séc. XVI.

CASCAIS NA OBRA DE GIL VICENTE

Cascais figura nalgumas passagens dos autos de Gil Vicente, o nosso maior dramaturgo desse tempo.

Na peça **Cortes de Júpiter**, um dos personagens, falando do acompanhamento que terá uma infanta, diz: "**E também até Cascais / Irão os vereadores**". E na **Farsa de Inês Pereira**, Inês recusa um namorado: "**Ide casar a Cascais**".

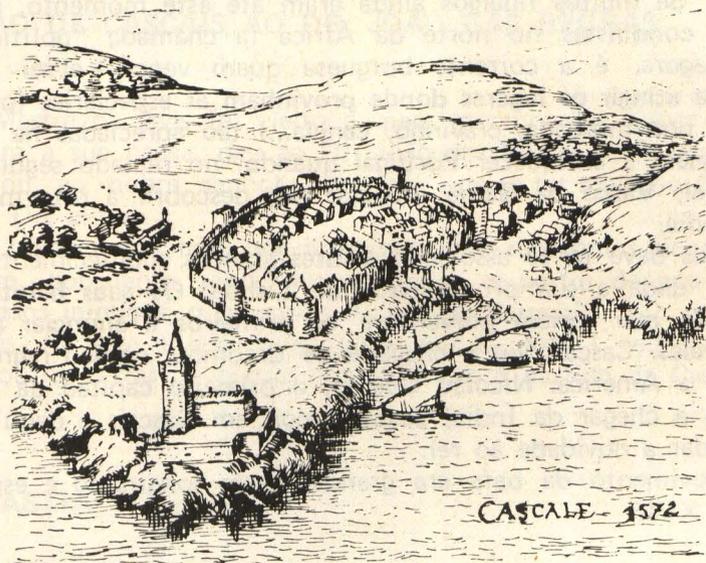
CASCAIS NA OBRA DE DAMIÃO DE GÓIS

Damião de Góis, um historiador do tempo de D. Manuel, no livro "**Lisboa de Quinhentos**" (em que descreve Lisboa e seus arredores) refere-se também a Cascais, sobretudo aos aspectos da costa, aludindo à ermida da Guia, ainda hoje existente:

"À noite, acendem ali uns fachos para indicar o trajecto aos

mareantes, não seja caso que estes, por não lobrigarem a paragem, arremessem, contra vontade, as naus para os baixios e rochedos”.

Mais adiante, acrescenta Damião de Góis, “dá-se com a fortaleza de Cascais, onde as naus de carga, ancoradas em porto amplo e seguro, esperam a maré e a monção” (vento favorável).



Uma conhecida gravura de finais do século XVI, mostrando a baía de Cascais e as suas casas mais importantes.

Curiosa a referência ao farol da Guia e aos perigos da costa naquelas paragens, ainda actualmente pouco seguras em dias de nevoeiro.

COLONIZAÇÃO DO BRASIL. ALCÁCER-QUIBIR

Mas o comércio com a Índia pouco durou. Os ataques dos Árabes no Oceano Índico, os assaltos dos piratas (holandeses, franceses e ingleses) no mar dos Açores, os constantes naufrágios e o luxo em que a maioria dos Portugueses desperdiçava os lucros — depressa vieram trazer prejuízo.

E D. João III viu-se forçado a voltar a sua atenção para o Brasil. Dividiu-o em capitânias. Mas o sistema não deu o resultado pretendido, porque muitos capitães nem chegaram a embarcar para lá e

porque os inimigos rondavam de perto as costas brasileiras... El-rei nomeou **Tomé de Sousa** governador-geral para desenvolver e defender aquele imenso território.

É a **grande época da cana-do-açúcar**, trabalhada nos engenhos por escravos negros africanos. É o açúcar a nossa principal riqueza, cobijada pelos estrangeiros que no-la compram. A defesa das costas brasileiras vai-se mantendo; mas a pirataria no mar dos Açores continuava problema grande.

Por isso, numa tentativa extrema de defesa, **D. Sebastião** procura conquistar praças no norte de África para servirem de bases às caravelas do açúcar. Até porque os Ingleses tencionavam fazer aí sede da sua lucrativa pirataria. D. Sebastião é, no entanto, infeliz. Perde a batalha de **Alcácer-Quibir**, porque não mantivera segredo, porque não organizara bem o seu exército, porque levava demasiados mercenários estrangeiros.

Cascais vira partir a frota, que não mais traria o rei.

E Portugal, frente à Espanha, a nação mais poderosa do mundo de então, teve de sucumbir. Filipe II, aliás, tivera o cuidado de "chamar" para o seu lado os nobres mais influentes. Assim aconteceu com o senhor de Cascais, **D. António de Castro**, que se "vendeu" a Filipe II.

A INVASÃO DOS ESPANHÓIS

Eram três os principais pretendentes ao trono, após a morte do cardeal-rei, **D. Henrique**, todos eles netos de **D. Manuel I**: **Filipe II** de Espanha, **D. António**, Prior do Crato, e **D. Catarina**, Duquesa de Bragança.

Era **D. Catarina**, por ser descendente **legítima** do rei **por via masculina**, quem tinha mais direito ao trono. Nunca abdicou desse direito, antes o defendeu corajosamente, mas não pegou em armas contra Filipe II, como fez o Prior do Crato, pois sabia quão poderosa era a Espanha (1).

D. António ainda procurou defender Cascais, mandando para lá **D. Diogo de Menezes**. Contudo, o Duque de Alba, chefe das tropas inimi-

(1) Mais tarde, quando Portugal recuperar a sua independência, será neste ponto que **D. João IV** se baseará para mostrar a sua legitimidade: **é ele o descendente directo de D. Catarina.**

gas, desembarcou perto da Guia, na Laje do Ramil, e tomou a fortaleza da vila, mandando decapitar o seu defensor.

O Prior do Crato, não desistindo da luta, chamou em seu auxílio os Ingleses. Um grupo destes aliados desembarcou em Cascais e por aqui ficou, entregando-se ao saque. Diz-se que muita gente, por via disso, fugiu para a serra.

III DINASTIA

GRANDES LOUVORES A CASCAIS

Entra-se na 3.^a dinastia.

Em muitos escritores portugueses começa a surgir a ideia de louvar a cidade de Lisboa e seus arredores, numa esperança de que a corte espanhola cá venha residir, o que, em sua opinião, muito engrandeceria o País.

Um destes escritores é **Frei Nicolau de Oliveira** que escreve o **Livro das Grandezas de Lisboa**, publicado em 1620, em que se lê o mais interessante louvor ao clima e às águas de Cascais:

“A 1.^a destas vilas (...) é a notável vila de Cascais (...), na qual parece que quis a natureza ajuntar todo o bom, que há do oriente até à mesma vila, dando-lhe puríssimos e temperadíssimos ares, de modo que não há verão tão caloroso que nela faça sentir grande calma pela vizinhança do Oceano Atlântico, que quase a cerca, e da fresquíssima Serra de Sintra que, com frescos e brandos ventos, ficando-lhe da parte da terra, lhe está refrescando o ar, que o Sol com seus raios aquece. Nem há inverno tão rigoroso, que nela faça sentir grande frio por respeito dos ventos sul e noroeste que de ordinário naquele tempo sopram e de si são mais brandos que o norte e nordeste do Verão. E assim é a mais sadia terra, que se sabe em Portugal, e em que os homens mais vivem e mais são e donde de todo está desterrado um mal, que a tantos consome a vida, que é a melancolia. Sua água é certo que quem a bebe sara do mal da pedra, por mais anos que o tenha antes de a beber; e a vizinhança desta cidade de Lisboa a faz mui provida de toda a sorte de mantimentos, e a da Serra de Sintra e Colares de toda a sorte de frutas, assim de caroço e pevide e de

espinho, como de toda a fruta de leite, perdizes, coelhos, galinhas, frangos, leitões e de toda a mais caça, que nas outras partes há; tendo muito e bom vinho, azeite pouco, e estremado trigo e cevada, ainda que pouco”.

O SENTIMENTO DE REVOLTA

O reinado dos Filipes, sobretudo de Filipe IV de Espanha, prejudica muito os interesses nacionais.

São aumentados os impostos.

As promessas feitas nas Cortes de Tomar não são cumpridas: a língua portuguesa é posta de lado; os fidalgos portugueses mais influentes são chamados para Espanha e não gozam das regalias antigas.

Quer-se fazer do País simples província de Espanha.

O comércio do açúcar diminui consideravelmente: 1.º, porque a parte mais importante do território brasileiro é ocupada pelos Holandeses; 2.º, porque os Espanhóis vão buscar às nossas províncias africanas escravos para as suas minas da América do Sul, de sorte que os escravos aumentam de preço e os donos dos engenhos vêm-se obrigados a abandonar a produção; 3.º, porque aumentam os ataques dos piratas ingleses, holandeses e franceses, agora sob o pretexto de que os nossos barcos e as nossas possessões ultramarinas pertencem à Espanha, país seu inimigo.

Gera-se um clima de revolta. Em Évora (1637), há o primeiro ataque: a **Revolta do Manuelinho** (1). Manuelinho era um louco, que os “cabecilhas” responsabilizaram pela revolta, para poderem agir mais facilmente sem levantar suspeitas.

Estas alterações de Évora não tiveram êxito, mas levantaram o moral dos portugueses. E, no 1.º de Dezembro de 1640, deu-se em Lisboa a revolução a sério. Portugal recuperou a sua independência, com um monarca de ascendência real: D. João, duque de Bragança. D. João IV.

(1) Não confundir com manuelino, que é o estilo de construção do tempo de D. Manuel, caracterizado por uma decoração ligada aos Descobrimentos: cordas, plantas marinhas, esfera armilar, cruz de Cristo, etc., como se pode ver nos Jerónimos, na Torre de Belém e em parte do Convento de Cristo em Tomar.

IV DINASTIA

PREPARA-SE A DEFESA

Urgia, agora, preparar a defesa, que certamente os Espanhóis viriam atacar em força (assim acabassem as lutas que tinham na Catalunha e na Guerra dos Trinta Anos — os Portugueses haviam escolhido bem o momento!).

Reforçar a defesa e obter o apoio dos outros países — eram os dois trabalhos a fazer.

Cascais está presente nos dois.

Desde S. Julião da Barra até ao Cabo da Roca, são levantadas **fortalezas**: todas as que vemos — e outras foram destruídas ou adaptadas — ao longo da costa foram construídas ou reforçadas no tempo de D. João IV e seus sucessores. Estão muito perto umas das outras, precisamente para se dificultar um desembarque espanhol, enquanto se esperassem reforços. Enumeremo-las:

- Forte da Roca, nas abas da serra (concelho de Sintra);
- Forte do Guincho (junto à Praia do Abano);
- Bateria da Galé (actual Estalagem Muchaxo);
- Bateria Alta (Hotel do Guincho);
- Bateria da Cresmina (frente ao Restaurante do Faroleiro), em ruínas;
- Forte de Sanxete (no cabo Raso). Tem uma boa cisterna que ainda funciona;
- Forte da Cabeça de Oito Ovos (hoje, S. Jorge de Oitavos, residência da Guarda Fiscal);
- Forte da Lajem do Ramil ou do Romel, actualmente adaptado a Laboratório Marítimo do Museu Bocage. "Tomou este nome — esclarece Pereira Lourenço — da laje que se vê junto ao mar e onde o exército do Duque de Alba desembarcou em 30 de Julho de 1580. E, talvez tendo em conta esse inesquecível acontecimento, duas das quatro peças deste forte estavam sempre carregadas com balas, o morrão aceso e ordem para proibir desembarques, mesmo aos pescadores, na Lajem do Ramil. Este sistema manteve-se durante toda a Guerra da Restauração. Sempre por recordação do desembarque de 1580, para ocidente do forte, foi construída uma linha de mosqueteria, bastante extensa, que seguia o desenvolvimento da depressão do termo, e ainda hoje existente em grande parte";

- Forte Novo, sobranceiro à Pedra da Nau (em ruínas);
- Forte de S. Marta (farol de S. Marta);
- Cidadela;
- Baluartes da Praia da Ribeira;
- Forte da Foz (onde é a Casa Seixas, junto da mesma praia);
- Forte do Almosteiro, a nascente da Praia da Rainha (casa dos herdeiros de D. Nuno de Almada);
- Forte da Sra. da Conceição (casa dos herdeiros da Sra. Duquesa de Palmela);
- Forte de S. Roque (onde é o "Casal de S. Roque");
- Forte de S. António ("Tamariz");
- Forte do Rio do Estéril ("Vivenda Barros");
- Forte de S. Pedro: "Assim denominado, diz Pereira Lourenço, em homenagem ao Infante D. Pedro, filho de D. João IV, e que foi segundo rei daquele nome. É mais vulgarmente conhecido por Forte da Poça, pela vizinhança de um poço de águas termais, de reconhecida virtude desde antigos tempos";
- Forte de S. Teodósio: "Recebeu este nome em homenagem ao príncipe D. Teodósio, primogénito de D. João IV, que faleceu em 1653, na idade de 19 anos"; (1)
- Forte do Junqueiro: "(...) no local onde hoje existe o Sanatório Marítimo de Carcavelos, para cuja construção foi demolido o velho forte do qual não existe planta nem qualquer descrição".

A defesa, como se vê, estava muito bem organizada.

Na **diplomacia**, embora não propriamente com finalidade de reatar amizade com países estrangeiros, distinguiu-se D. Álvaro de Castro, 1.º marquês de Cascais, que foi incumbido por D. João IV de ir a França como embaixador extraordinário apresentar condolências por morte de Luís XIII. Certamente tratou também de assuntos de interesse para o Reino.

CASCAIS E A CONSTRUÇÃO DO CONVENTO DE MAFRA

Acabada a Guerra da Restauração, Portugal vai tentando equilibrar as suas finanças, até que os **bandeirantes** descobrem no Brasil as tão procuradas **minas de ouro e diamantes**. **D. João V** recebe **um quinto** do ouro extraído (quanto, porém, não passa de contrabando para muitos dos barcos ingleses que demandam a nossa costa ao abrigo do **Tratado de Methwen!**...) e inicia a construção do **Convento de Mafra**.

(1) O Forte de S. António da Barra, em S. João, é de todos o mais antigo, pois data do tempo dos Filipes.

Cascais está ligado a esta grandiosa obra, porque daqui foi muita pedra para a sua construção, mormente o mármore preto da região de Janes. De resto, um dos principais e mais famosos mestres de pedreiros do Convento foi justamente um cascaense, o célebre Baramilha, António Martins.

O TERRAMOTO DE 1755

1755. O terramoto devastou Cascais, duramente atingido. Temos um relato que nos diz ter sido destruída a maior parte da vila: o mar embravecido galgou a terra, os incêndios completaram a obra... uma testemunha informa que o mar se abriu, deixando ver o fundo até à torre do Bugio. Ruíram palácios, parte da fortaleza...

No entanto, Cascais associa-se à obra de reconstrução prontamente iniciada pelo Marquês de Pombal. E como nos tempos de D. Manuel I (em que a principal artéria lisboeta, a Rua Nova dos Mercadores, foi consertada com pedra de Cascais) agora, de novo, é pedra de Cascais utilizada em Lisboa.

D. JOSÉ I EM CASCAIS

De salientar que D. José I e o Marquês vinham tomar banhos nas termas do Estoril. Em 1762, contra el-rei houve um atentado na Cidadela: uma bala feriu-o sem gravidade num braço (1).

A REAL FÁBRICA DE LANIFÍCIOS

Procurando pôr em prática os princípios mercantilistas, já iniciados pelo Conde da Ericeira, o Marquês protegeu a indústria.

(1) Quatro anos antes houvera o atentado que servira para o Marquês de Pombal abater o poder do clero e da nobreza mais influentes.

Funda-se em Cascais, em 1774, a Real Fábrica de Lanifícios de Cascais, que chegou a ser uma das melhores de Portugal. O Marquês concedeu-lhe empréstimos e isentou-a de impostos durante dez anos.

AS INVASÕES FRANCESAS

No fim do reinado de D. Maria I, os Franceses invadem Portugal por este não ter obedecido ao Bloqueio Continental.

Os soldados de Junot, desorganizados e famintos, acomodam-se em parte na fortaleza e nos palácios de Cascais, enquanto a Família Real se retira para o Brasil, com a promessa de abrir os portos brasileiros aos Ingleses (a paga do seu auxílio!). Os invasores praticam, na vila, desacatos de toda a ordem e a população vai-os dizimando, fazendo-lhes desaparecer os corpos.

Chegam, por fim, os reforços ingleses e talvez tenha sido em Cascais que se assinou — entre Franceses e Ingleses — a (tristemente) célebre **Convenção de Sintra**: os Franceses entregavam as praças conquistadas e podiam levar tudo o que haviam saqueado!

ACÇÃO GLORIOSA NA BATALHA DO BUÇACO

Os soldados de Cascais, incorporados no Regimento 19, aquartelado na Cidadela, terão ocasião de se "vingar". Na 3.^a invasão. Na Batalha do Buçaco. Protegidos por S. António (uma imagem que ainda se conserva no quartel de Cascais), os rapazes do 19 atacam com bravura as hostes inimigas (dirigidas por Massena) e são eles que decidem a vitória. Beresford, o comandante inglês, não pôde deixar de louvar-lhes a acção:

"A boa carga que deram cinco companhias do regimento de infantaria n.º 19, debaixo das ordens do tenente-coronel Mac-Bean, merece ser particularizada, e foi admirada por todo o exército".

A REVOLTA LIBERAL

Após as invasões, lavrava no País grande descontentamento:

- 1.º — o rei, D. João VI, parecia não querer voltar do Brasil;
- 2.º — os Ingleses governavam de acordo com os seus interesses;

3.º — o comércio (devido à abertura dos portos brasileiros), a indústria e a agricultura estavam arruinados;

4.º — as ideias liberais ganhavam cada vez mais adeptos.

A revolta de 1820 mudou, pois, o regime absoluto para regime liberal, ficando o rei apenas com o poder executivo, enquanto o poder legislativo pertenceria a uma assembleia e o judicial aos juízes.

Nem todos, porém, aceitaram esta mudança. D. Miguel, partidário do absolutismo, ergueu-se em armas contra D. Pedro, liberal, que outorgara ao País a Carta Constitucional. O regimento 19 tomou parte por D. Miguel e, por isso, foi dissolvido pela Convenção de Évora-Monte (1834).

Da vitória liberal se faz eco o padrão colocado frente à capitania de Cascais. Tem vários dizeres: "Viva a Carta Constitucional". "Viva D. Pedro, Duque de Bragança". "Se a força fez levantar / Um padrão à tirania, / À Rainha neste dia / Cascais o vai consagrar" — "4 de Abril de 1834". "Viva D. Maria Segunda".

REFORMAS E MELHORAMENTOS

E os governos liberais procuram, nos anos seguintes, reformar o País e desenvolvê-lo. (O Brasil tornara-se independente e as campanhas de ocupação dos territórios africanos ainda não haviam começado...)

Cascais não fica alheio a esse progresso.

Em meados do séc. XIX, constroem-se as estradas de Cascais para Oeiras e Sintra.

Surge, em 1869, o Teatro Gil Vicente, muito ao gosto da época.

A partir de 1870, a família real (D. Luís) vem residir para Cascais no Outono. D. Carlos fez da vila o centro das suas campanhas oceanográficas.

Inauguram-se carreiras de vapor para Lisboa.

A 28 de Setembro de 1878, acendem-se as primeiras lâmpadas eléctricas. Cascais é a primeira localidade do País a ter iluminação pública eléctrica!

Em 1886, já existia na vila uma estação telegráfica.

Em 1889, é a vez do caminho-de-ferro até Pedrouços.

COMEÇO DO TURISMO

Nos finais do séc. XIX, para a Costa do Sol (designação oficializada só em 1935) convergem os lisboetas nos dias calmosos de Verão e no entardecer morno do Inverno. Aumenta a fama das belas

praias e clima cascaense, atraindo importantes personalidades da vida política nacional, que passam a residir na região, durante parte do ano.

Na Costa do Sol surgem, tanto à beira-mar como na zona rural, mais quintas, mais palacetes e casas nobres de requintada arquitectura — como se podem admirar aqui e além.

Entretanto, a população continua a dedicar-se à agricultura: vicejam as hortas, prosseguindo a tradição mourisca, fornecendo abundância de legumes. E à pesca, actividade secular e lucrativa, repleta de tipicismo. Pouco a pouco, respondendo às necessidades, vão surgindo os estabelecimentos comerciais para apoio da incipiente indústria turística.

A QUESTÃO SOCIAL — A HABITAÇÃO DEGRADADA

O séc. XIX é, no entanto, a época da industrialização, o período em que a população campesina acorre à cidade e aos seus subúrbios, na mira de se empregar no comércio e na indústria, actividades mais lucrativas, menos sujeitas aos condicionalismos do tempo.

A Lisboa e a Cascais acorrem, pois, muitas famílias da província, cujas habitações contrastarão grandemente com os palacetes da alta burguesia endinheirada que à Costa do Sol vem a banhos, costume que só se inicia no derradeiro quartel do século.

Enquanto, na Europa industrializada, surge a aguda questão social e as doutrinas que preconizam a sua solução — socialismo (conceptual e científico) e as encíclicas sociais da Igreja Católica — em Cascais inicia-se um movimento humanitário tendente a minorar as precárias condições em que vivem os proletários provincianos.

Trata-se da "Iniciativa Patriótica da Instituição Memorativa do Regimento de Infantaria n.º 19 de Cascais", de que nos dá notícia um opúsculo publicado pela Imprensa Nacional em 1906. Uma das finalidades primordiais dessa instituição seria a construção de casas económicas para famílias de débeis recursos: uma colónia "constituída de modestas vivendas abarracadas (...) destinadas ao alojamento gratuito" de famílias, como rezam os estatutos.

A segunda parte do citado opúsculo é deveras curiosa porque inclui "pensamentos sobre a edificação de colónias prediais económicas":

"Em face das revelações trazidas a público pelo Conselho dos

Melhoramentos Sanitários, mostra-se a opinião geral sensibilizada, agora como nunca anteriormente, com o conhecimento das nefandas condições de miséria e insalubridade das habitações cubiculares de centenas de locais de Lisboa, chamados **pátios**, onde habitam milhares de indivíduos de ambos os sexos, válidos, valetudinários, e menores, da mais obscura, miseranda e desprezada classe da população urbana" (p. 45).

E, após sublinhar que essas habitações existem por toda a parte, o autor desconhecido observa que elas contrastam grandemente "com os gozos da vida superiormente civilizada e com a comodidade e o luxo da generalidade das habitações, entre as quais profundamente se encravam essas supurantes chagas do humano egoísmo" (p. 46).

"As colónias provincianas estabelecidas em Lisboa são constituídas em máxima parte por proletários oriundos da região ao norte do Tejo, que não obtêm nas suas terras os meios necessários à vida, e que por isso descem a Lisboa em ávida e forçada procura de trabalhos melhormente remunerados ou de colocações que lhes abram uma carreira prática de venturoso futuro. É da mesma região também que deriva quase toda a emigração para o Brasil, em demanda de trabalho rendoso e fugindo da patrícia miséria do sudorífico trabalho, que somente lhes garante a seca broa diária (...).

Minhotos, transmontanos e a imensa maioria de beirões, todos correm para Lisboa com a sua pobreza e seus tamancos, trazendo na massa irredutível os rudes costumes da sua sertaneja criação; se não lhes é fácil melhorarem prontamente de fortuna, muito mais difícil lhes é a perda dos hábitos de sujidade e grosseria do seu berço" (pág. 49).

Para minorar a situação — também extensiva ao concelho de Cascais — o autor louva a iniciativa da citada instituição, considerando que só assim o problema se resolverá, uma vez que o capital não tomará a esse respeito qualquer iniciativa ("Não se deve, pois, contar seguramente com o capital ávido de ganância para edificar moradias de rendas económicas destinadas ao proletariado" — pág. 60), e que não adianta igualmente dar ao proletário uma moradia própria, por lhe faltarem meios de a conservar (pág. 62).

CRÓNICAS MUNDANAS DA REPÚBLICA

A revolução de Outubro de 1910 proclama a república, derrubando a Monarquia. Há muito que a **propaganda republicana** se fazia sentir nos cafés e nos jornais, tendo como **argumento** contra o

regime monárquico o descontentamento provocado pela crise financeira (o País não tinha dinheiro para pagar as dívidas contraídas no estrangeiro para financiar os melhoramentos empreendidos desde os tempos de Fontes Pereira de Melo) e pelo ultimato inglês (ligado às campanhas de ocupação africanas).

Cascais continua, contudo, e apesar da Primeira Grande Guerra (1914-1918), a ser — juntamente com Sintra — a estância balnear preferida pelo lisboeta. Numerosas crónicas mundanas são publicadas em livros e jornais, louvando os encantos da zona.

Aliás, o costume já vinha de trás. Augusto José (só para darmos um exemplo) publica em 1898 "Crónicas de Cascais" que dedica humoristicamente "às damas de Cascais / todas interessantes, algumas belas, / a quem me prendem laços fraternais, / quer casadas, viúvas ou donzelas". E diz: "As crónicas de Cascais começaram em 1891, na estação balnear. Nasceram do interesse que as senhoras da sociedade elegante tinham em saber as novidades e os mistérios que por lá se passavam".

UMA NOTÁVEL CAMPANHA CONTRA AS MOSCAS E MOSQUITOS

À I República sucedeu, com a Revolução de 28 de Maio de 1926, o regime totalitário consignado na Constituição de 1933.

Cooperando na luta pela melhoria das condições dos habitantes do concelho, promove a Câmara Municipal de Cascais, em 1938, uma extraordinária campanha contra moscas e mosquitos, que mereceu os maiores elogios por esse Portugal além.

Dela temos precioso documento no volume "Moscas e Mosquitos", profusamente ilustrado, editado pela então Junta de Turismo de Cascais (1939). A campanha foi acompanhada a todos os níveis pela imprensa falada e escrita. E será curioso, pela sua oportunidade, transcrevermos parte de um edital datado de 30 de Maio de 1938:

"A existência de moscas é indício de desleixo e falta de limpeza. As moscas transmitem doenças graves. As moscas poisam nas estruturas, nas matérias fecais, nos escarros e nas substâncias em decomposição onde colhem micróbios que depositam nos nossos alimentos, propagando assim a febre tifóide, a diarreia infantil, a cólera, a tuberculose, a difteria, a escarlatina, o sarampo, a erisipela, etc".

É preciso portanto:

- I – Evitar que elas poisem nos alimentos
- II – Evitar que elas entrem em casa
- III – Destruí-las em toda a parte onde se encontrem
- IV – Impedir a sua reprodução.

O edital enumera formas práticas de cada um dos quatro pontos. Salientamos, quanto ao primeiro, a sugestão de se usarem nas cozinhas armários de rede e de, nōs restaurantes, se adoptarem açucareiros "do modelo estudado pela Repartição de Turismo".

Aliás, o turismo foi decerto um dos motores dessa campanha:

"É preciso não esquecer que um País de Turismo não é apenas aquele que possui bons hotéis e pode dar aos viajantes uma inolvidável impressão de prosperidade e de opulência.

País de Turismo na verdadeira acepção da palavra é o que sabe lavar-se, arranjar-se, pulir-se, varrer-se, exprobar-se de mosquedos impertinentes, dar a quem o visita uma nobre impressão de higiene e de asseio" – escreveu, a esse propósito, Raposo Pessoa (obra citada, pág. 5-6).

25 DE ABRIL DE 1974 – REUNIÕES PREPARATÓRIAS EM CASCAIS

A Segunda Grande Guerra veio mostrar mais uma vez a injustiça dos regimes totalitários e seu apoio capitalista. Embora Portugal não haja participado directamente no conflito mundial, a sua "neutralidade" foi conseguida à custa de inúmeras abdições, mormente no aspecto económico, face às grandes potências.

A guerra colonial – iniciada em 1961 em Angola – depressa veio também pôr em causa a manutenção daqueles territórios africanos. Assim, um grupo de capitães que vivera de perto a luta de guerrilhas ultramarinas começa a reunir-se com vista a um largo movimento reivindicativo militar.

No entanto, em plenário realizado em Cascais a 5 de Março de 1974, o chamado "Movimento dos Capitães" deixa o campo restrito das reivindicações militares para se lançar num movimento de carácter político. Aí foi aprovado um manifesto – "O Movimento das Forças Armadas e a Nação" – e se decidiu da necessidade de uma comissão redigir mesmo um programa político a apresentar ao povo depois da revolução que então se estava gizando.

A revolução saiu vitoriosa a 25 de Abril de 1974 e o M. F. A.

apresentou à Nação o programa onde se incluíam como tarefas prioritárias: a restituição das liberdades fundamentais, o fim da exploração do homem pelo homem e o reconhecimento do direito de as colónias se autodeterminarem.

De imediato, se iniciou todo um processo de dinamização das populações, lançando-se as bases de organismos populares a nível de bairros (comissões de moradores) e de concelhos (assembleias populares), com vista a uma cada vez maior intervenção do Povo no Poder.

As eleições de 25 de Abril de 1975 apontaram, como solução dos problemas político-económicos, a via socialista. É, pois, nesse sentido — socialismo democrático e pluralista — que a Assembleia Constituinte foi elaborando a Constituição por que Portugal há-de reger-se.



Tirada no Verão de 1975, por Guilherme Cardoso, esta fotografia é muito expressiva: em primeiro plano, a terra avermelhada que deu seara farta e fornece agora restolho para um dos poucos rebanhos da zona; mais além, Abóboda com suas unidades fabris (a indústria a substituir-se à produção agrícola...); ao fundo, o dorso ondulado e bonito da Serra de Sintra.

TERCEIRA PARTE

Hoje, como é Cascais?

POPULAÇÃO

Vem aumentando, de mês para mês, o número de pessoas que procuram residir na Costa do Sol, o que acentua a carência de infraestruturas equivalentes: planos de urbanização, redes de esgoto, abastecimento de luz e de água.

Segundo o censo de 1970 (feito, como todos, no Inverno, época em que o concelho tem menos população), Cascais tinham 94 520 habitantes, assim distribuídos pelas suas seis freguesias: Alcabideche, 17 932; Carcavelos, 7213; Cascais, 20 541; Estoril, 15 740; Parede, 14 903; S. Domingos de Rana, 18 191.

Estes números devem comparar-se com os dos eleitores inscritos para as eleições de 25 de Abril de 1975: total, 81 324; Alcabideche, 14 933; Carcavelos, 7160; Cascais, 17 868; Estoril, 14 046; Parede, 13 101; S. Domingos de Rana, 14 216.

Quanto ao movimento da população, sugerimos também uma leitura dos mapas de abastecimento de água, que incluímos na 4.^a parte deste trabalho: o aumento de consumidores é considerável de mês para mês. Como suplemento, inserimos também duas cartas topográficas da região de Tires (onde ultimamente a construção ilegal tem crescido a um ritmo muito grande): em quinze anos de diferença, o número de casas que figura no 2.^o mapa é elucidativo, se o compararmos com o 1.^o. E de 1970 para cá a urbanização cresceu a olhos vistos, de forma que, se até há pouco ainda podíamos dizer, com certa dose de verdade, que o concelho se caracterizava, a norte e nordeste, por um povoamento aglomerado com tendência muito acentuada para a dispersão e, até, para a urbanização, em 1976 tal se não poderá afirmar já.

O povoamento é urbano, na quase totalidade do concelho.

Desde o princípio do século, como vimos, que o concelho foi ponto de chegada de gente vinda das Beiras, do Alentejo e do Algarve. A partir da década de 50, muitos desses provincianos emigraram daqui para França, Alemanha e Canadá, em busca de melhor vida. Ultimamente, tal saída fora de certo modo compensada pela vinda maciça de cabo-verdianos, cuja força de trabalho foi aproveitada nas obras públicas e na construção civil. Alguns ainda ficaram por cá; a maior parte regressou a Cabo Verde, após a independência daquele território. Em compensação, muitos dos "retornados" das nossas ex-colónias (mormente de Angola) fixaram residência na Costa do Sol. O concelho deve ter, no Inverno de 1975-76, a maior população de sempre.

Para fazer face às necessidades decorrentes deste aumento, o Município tem lançado mão de várias iniciativas (aproveitando a capacidade de trabalho e de acção da população organizada) para dotar o concelho das infraestruturas convenientes.

Assim, vão ser mais aproveitados os recursos hídricos, aumentando o número de captações de água, uma vez que a Albufeira do Rio da Mula, apesar de aumentada, não tem capacidade suficiente, e o concelho continua a depender extraordinariamente dos fornecimentos da Empresa Pública das Águas de Lisboa.

A HABITAÇÃO

Há dois tipos fundamentais de casas, próprias das regiões urbanas:

— o **prédio de rendimento**, de vários pisos, onde cada família ocupa um andar (ou parte) ou um apartamento; e

— a **moradia** ou vivenda, geralmente de dois pisos: o rés-do-chão funciona como "zona de dia" (cozinha, sala comum) e o 1.º andar é ocupado pelos quartos e casa-de-banho.

Permanecem as **casas apalaçadas**, da 1.ª metade deste século, algumas em quintas.

Vai rareando a **casa típica da zona saloia**: térrea, de telha portuguesa, com um pátio murado à frente e portão de alvenaria, portas de madeira nas janelas, faixas azuis ou amarelas a acentuar as arestas, caiadas, de chaminé incaracterística, forno pequeno abobadado. A urbanização e a conseqüente entrada dos terrenos e das habitações

no circuito da sociedade de consumo tem levado ao desaparecimento e ao abandono da casa salaia, hoje só visível numa que noutra aldeia do interior do concelho.

Zona urbana, o concelho tem igualmente "**bairros de lata**", com todo o seu cortejo de insalubridade, falta de condições para uma existência autêntica. Fruto da vinda maciça de pessoas para a zona, o bairro de lata só se resolverá definitivamente se, através duma saudável política de descentralização, se conseguir que as populações se fixem nos seus locais de origem, proporcionando-lhes lá condições de vida. Doutra forma, o problema manter-se-á.

MODOS DE VIDA DOS HABITANTES

Muitos habitantes do concelho estão empregados no **comércio**, na **indústria** ou em **profissões liberais** (arquitectos, engenheiros, professores, médicos...). É uma **população urbana**.

Caracteriza-se, pois, por uma **obtenção indirecta de subsistência**. Quer dizer: os habitantes consomem normalmente o que não produzem. Daí, a existência dum largo mercado abastecedor do concelho: o mercado, a feira, os supermercados, as lojas diversas...

A pesca

No entanto, parte da população, não muita, dedica-se à **pesca**. Pesca costeira, à linha ou à rede. Em chatas, traineiras e arrastões. É uma actividade típica, sobre a qual infelizmente ainda não há publicados estudos ou artigos com real interesse. O vestuário dos pescadores e varinas de Cascais merece também estudo pormenorizado. A faina da descarga do peixe (ainda muito difícil por faltar um porto de abrigo) e a sua venda na lota são muito apreciadas pelos turistas.

Como apoio à actividade marinha, existem **estaleiros de construção naval**, mormente para embarcações de recreio; uma **fábrica de gelo**, uma das mais antigas; e uma **fábrica de preparação de peixe** ("Friantarticus", nas Fontainhas). Existiram fábricas de conservas, há bastantes anos encerradas.

Agro-pecuária

Na década de 50, ainda a agricultura era actividade importante no concelho. Em cada aldeia havia diversas juntas de bois e cada família possuía uma eira, de lajedo ou terra batida, onde se fazia

— ao som de tradicionais cantinelas — a debulha do trigo, da cevada, ou, à noite, a desfolhada do milho.

Hoje, os terrenos têm sido progressivamente divididos em lotes para construção e os filhos dos seus proprietários encaminharam-se para profissões mais rendosas. No entanto, a cultura cerealífera (mecanizada) ainda prospera na zona oriental do concelho, onde o solo é fértil. Em 1971, produziram-se, no concelho, segundo estatísticas oficiais (bastante falíveis), 9767 quintais de trigo, 1487 de milho, 475 de cevada, 390 de aveia, 152 de fava, 95 de grão-de-bico, 36 de feijão e apenas 22 de centeio.

Quanto a fruta e legumes, para além de o concelho depender muito de Sintra e doutras zonas do País, há que salientar a sua produção em pequenas quintas em vales irrigados: laranjas, maçãs, figos... Em 1971, produziram-se 3493 quintais de batata. O vinho de **Carcavelos** (generoso e maduro) está a desaparecer.

A floricultura (nomeadamente rosas e cravos) está bastante desenvolvida, chegando mesmo alguns produtores a abastecerem o mercado de Lisboa. Tem aumentado o número de estufas.

Apesar da existência de algumas vacarias (em 1974, segundo dados da Cooperativa Agrícola, 40 produtores entregaram leite, proveniente de 412 vacas, numa produção total de 620 896 litros), nomeadamente em Malveira da Serra, Manique de Baixo, Talaíde e Trajouce (101 vacas para 6 produtores, em 1967), apesar da existência de alguns rebanhos de ovelhas e cabras — a criação de gado resume-se, na prática, aos diversos aviários existentes que fornecem codornizes, ovos e frangos. Numa região urbana, onde a rapidez de confecção de alimentos é cada vez mais premente, o frango torna-se cada vez mais apreciado.

Merece referência à parte a **Gel-Terra**, de Manique de Baixo, onde a pecuária se industrializou, fornecendo ao concelho enchidos, por exemplo.

O Cooperativismo está em marcha no ramo comercial, como forma de as pequenas e médias empresas fazerem face aos grandes supermercados. No entanto, é já antiga a acção desenvolvida pela **Cooperativa Agrícola do Concelho**, que agrupa os agricultores (1658 associados, em 1972). A Cooperativa tem uma secção de compra e venda que se destina a "fornecer aos associados, vendendo-lhes pelo menor preço possível, os diferentes artigos inerentes às explorações agropecuárias da lavoura (sementes, farinhas, forragens, alfaias, insecticidas, fungicidas, etc." E uma secção de máquinas que faculta aos associados, a título de aluguer, as máquinas e acessórios para os trabalhos da lavoura bem como para transporte.

Os produtos agrícolas são distribuídos pelos estabelecimentos ou vendidos nos mercados saloios. O mercado de Cascais realiza-se às quartas-feiras e sábados. Às quartas, também há feira, muito concorrida, onde se vende de tudo.

Indústrias

Há cada vez mais **indústrias** no concelho, aproveitando a boa localização (proximidade de Lisboa, grande centro consumidor, e facilidade de comunicações).

Em primeiro lugar, a indústria do **turismo**, que engloba todos os estabelecimentos que se destinam mais a atender às necessidades dos que nos visitam do que propriamente daqueles que cá vivem. É o caso dos **hotéis**, das **pensões**, dos **parques de campismo** (existe um na Praia do Guincho) e também — em certa medida — os **restaurantes** (especializados em mariscos), as **casas de lembranças**, os **bares**, as **boites** (para dançar), as **casas de fado**, o **Casino Estoril**...

É o turismo a indústria n.º 1, que tem prosperado graças às belezas naturais do concelho, à suavidade do seu clima, às suas praias... Muita gente nos visita e deixa cá o seu dinheiro. Daí o interesse em atrair visitantes (nacionais e estrangeiros) à Costa do Sol. A promoção turística da zona tem estado a cargo da Junta de Turismo da Costa do Sol, em cooperação com os hoteleiros.

Vem, depois, a **construção civil**. Por toda a parte surgem prédios de vários andares, de modo a permitir alojar o maior número possível de pessoas num espaço horizontal diminuto. Encontram-se ligadas à construção civil — para além de várias casas especializadas na venda de materiais de construção e sua preparação (serrações de madeira, por exemplo) — as seguintes indústrias: a **exploração de pedra** (em Birre, Torre, Pampilheira, Malveira da Serra...), a **serração de pedra e mármore** (em Murches, Pampilheira, Manique de Baixo, Abóboda, Alcabideche, Trajouce...), a **fabricação de tijolo** e de **betão** (Alcoitão), a **britagem de pedra** (Alcoitão, Malveira da Serra, Taláide), e outras. Até há pouco tempo ainda existiam diversos fornos de cal em laboração (Quinta da Marinha, Aldeia de Juso, Malveira da Serra...). A exploração de pedreiras foi até há poucos anos muito florescente, ocupando muitos braços vindos da província; hoje, tende a acabar lentamente o que foi uma das mais notáveis fontes de riqueza do concelho desde tempos recuados.

Industrializou-se a **panificação** e outras indústrias se vieram fixar aqui:

– **Indústrias alimentares:** Fábrica de Massas Delícia (massas alimentícias), em Abóboda; fábrica de batatas fritas Perlim-Pim...Pim, em Cascais;

– **Indústria têxtil:** Fios e Malhas Ruobel (Alcoitão);

– **Indústria electrónica** (multinacionais): Standard Eléctrica e ITT-Semicondutores (entre Birre e a Aldeia de Juso), Fabricação de Conjuntos Electrónicos Facel (Alcoitão) e outras em Trajouce;

– **Indústria farmacêutica:** Seber Portuguesa Farmacêutica (Monte Estoril), Sterling Farmacêutica Portuguesa (Tires), e Laboratórios Cordeiro (Cascais);

– **Indústria de mobiliário:** Móveis Altamira (Alcabideche) e móveis metálicos (Trajouce);

– **Outras indústrias:** malas (Tauro-Malas, Intauro – Indústria de Artigos de Viagem Tauro, em Matos Cheirinhos), **luvas** (Guantex – Indústria de Luvas, em Alcoitão), **agulhas** ("Torrington", em Abóboda), **queijo** (Eru, em Abóboda também), **moagem** (Carcavelos), **chocolates** (Excelsior, na Rebelva), **artigos eléctricos** (SIPE, Carcavelos)...

Por enquanto, não é visível a destruição do meio-ambiente e a consequente poluição causada por estas fábricas, embora a vegetação e mesmo as espécies piscícolas dalgumas ribeiras tenham sofrido já os seus efeitos deletérios. Vai, no entanto, escasseando a área destinada a zonas verdes (mormente devido à especulação imobiliária) e a pouca poluição que se faz sentir na água do mar é provocada pelos esgotos e pelas águas de lavagem dos petroleiros (em execução, obras para a evitar).

TRANSPORTES E MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Apesar da existência do porto de pesca e de recreio, e do Aeródromo Municipal de Tires (para aviões de recreio), o concelho dispõe fundamentalmente de transportes terrestres, para facilitar a deslocação de pessoas e mercadorias.

Uma **linha férrea** eléctrica une Cascais a Lisboa (estação do Cais-do-Sodré), permitindo um transporte rápido (35-45 minutos) das pessoas que trabalham na capital.

O concelho é percorrido em todas as direcções por **estradas** (nacionais e municipais), que o ligam a Sintra, a Oeiras e Lisboa. A

estrada marginal, com quatro faixas de rodagem, constitui importante via de escoamento para a capital e para as restantes partes do País; nela o tráfego é intenso, mormente de automóveis particulares (muita vez levando apenas o seu condutor).

Para **Sintra**, há principalmente duas vias: uma, longa, que dá a volta à serra e proporciona belíssimos panoramas; outra, mais curta e melhor, que passa junto do Autódromo e vai ao Ramalhão (quinta onde esteve detida D. Carlota Joaquina, mulher do rei D. João VI, por não ter querido assinar a Constituição de 1822, que mudava o regime absoluto para liberal).

A maior parte das **povoações** estão ligadas umas às outras por estradas, quase todas alcatroadas, percorridas várias vezes por dia pelas camionetas de carreira. O Município está envidando esforços por melhorar a rede viária do concelho. E os transportes colectivos necessitam de ser francamente melhorados a fim de mais eficientemente cumprirem a sua função.

Existem diversas estações de **correio**, embora o seu número esteja longe de satisfazer as necessidades da população. A correspondência é entregue diariamente.

Quase todas as povoações estão dotadas de **redes telefónicas automáticas** ou em vias de automatização, tendo sido Cascais um dos primeiros lugares de Portugal a ter telefone — a primeira estação foi inaugurada em 1900.

Captam-se as imagens da **Radiotelevisão Portuguesa** (1.º e 2.º canais) e as mais importantes **emissoras** de rádio — mantendo a população ao corrente dos grandes acontecimentos nacionais e estrangeiros. Notícias que, aliás, nos chegam também diariamente através da **Imprensa** matutina e vespertina.

Em Dezembro de 1975, existem no concelho três **semanários**: "A Nossa Terra", propriedade do Grupo Dramático e Sportivo de Cascais, fundado em 1915; o "Jornal da Costa do Sol", fundado em 1964, e o "Jornal de Cascais" (3.ª série), publicado pela primeira vez em 1929. Todos procuram dar noticiário regional e fazer-se eco das necessidades da população.

ASSISTÊNCIA

Não basta dar **alojamento** às pessoas. É preciso dar-lhes condições de subsistência e protecção. Nesse domínio se inclui a necessidade de **assistência** ou **protecção** na doença.

A vila dispõe de um **hospital distrital**, bem equipado, com carreira médica, serviço de banco permanente, maternidade. O seu funcionamento carece, porém, de aperfeiçoamento, a fim de que não seja necessário enviar de contínuo doentes para os hospitais centrais (de Lisboa).

Em **Parede**, como já referimos, diversos estabelecimentos hospitalares se ocupam predominantemente de doenças ósseas: o Hospital de Sant'Ana, o Hospital da Associação Amadeu Duarte (agora, "Hospital do Povo"), o Hospital Ortopédico N.^a Sr.^a de Fátima. Perto, o Sanatório Marítimo de Carcavelos, integrado no Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Pertence à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa o **Centro de Medicina de Reabilitação** de Alcoitão, onde se procuram adaptar à vida normal os **diminuídos físicos** — pessoas que sofreram qualquer acidente ou que, de nascença, não estão na posse de todas as suas faculdades físicas. A obra que nesse Centro de categoria internacional se realiza é digna do maior louvor.

A **Providência** possui diversos postos médicos e foi recentemente alargada aos agricultores (subscritores da Casa do Povo) e aos pescadores (inscritos na antiga Casa dos Pescadores).

Há diversas **creches** para crianças de tenra idade, cujos pais não podem cuidar delas durante o dia. A população organizada levará por diante a instalação de diversos **infantários**. A **Casa de Repouso de Cascais** passou, em 1975, a depender do Ministério dos Assuntos Sociais, e presta assistência à terceira idade. Na Quinta do Pisão (Alcabideche) há o Centro de Trabalho do Albergue da Mendicidade de Lisboa (Mitra).

O socorro na estrada e em caso de sinistro está a cargo das corporações de bombeiros voluntários (Alcabideche, Carcavelos, Cascais, Estoris e Parede). Na Marginal, além dos postos telefónicos de S. O. S. colocados em lugares estratégicos, há duas ambulâncias do "115" em serviço permanente.

DESPORTOS

Praticam-se, no concelho, todos os desportos, ocupando lugar de relevo o **hóquei em patins**, quer pelo entusiasmo que desperta entre a população quer pela elevada categoria dos clubes que o praticam: Grupo Dramático e Sportivo de Cascais, Juventude Salesiana (Estoril), Parede... A Salesiana dispõe de moderno **pavilhão desportivo**. Está cedido ao Dramático o **Pavilhão de Desportos de Cascais**.

Outras modalidades praticadas, a nível de clubes: futebol (em várias categorias), basquetebol, futebol de salão, badmington, ténis de mesa, xadrez... A equipa do Estoril-Praia regressou à I Divisão de futebol, na época de 1975-76.

O **ténis** é tradicional entre nós. No campo de ténis do Estoril realizam-se anualmente campeonatos internacionais.

O **golfe**, que se pratica num magnífico campo situado nos pinhais a norte do Estoril, é modalidade desportiva muito procurada por nacionais e estrangeiros. Perto, há instalações para tiro **aos pratos**.

O **hipismo** goza igualmente de tradições. O Hipódromo Manuel Possollo, em Cascais, enche-se várias vezes por ano dum público interessado. É desporto muito apreciado pela juventude, que aí vai apostar nos seus "ídolos".

O **automobilismo** (com tradições também) e o **motociclismo** têm, no concelho, o maior empreendimento do género em Portugal, que rivaliza com o que de melhor se tem feito na Europa. É o **Autódromo do Estoril**, para corridas de automóveis, de motos e **karting**. O Autódromo integra-se num conjunto turístico que incluía escola de pilotagem, auto-cinema (cinema ao ar livre com capacidade para 600 veículos), auto-hotel, restaurantes, bares, piscinas, campos de ténis. No início de 1976, estava em funcionamento um restaurante, uma **boite**, a pista para **fórmula 2**, o **Kartódromo**, tendo terminado a construção do **aparthotel**.

As águas calmas da baía tornam-na sítio ideal para **desportos náuticos**: regatas, campeonatos internacionais de vela, esqui aquático... Existe o Clube Naval de Cascais.

Diversas organizações populares têm promovido jornadas de divulgação da prática desportiva e gímnica, no sentido de levar o desporto às massas.

CULTURA E RECREIO

As sociedades recreativas das principais localidades promovem festas e sessões culturais e desportivas. Algumas têm grupos de teatro, coros e ranchos folclóricos (de salientar o Rancho Folclórico e Coreográfico da Sociedade Musical de Cascais). A estas colectividades compete fundamental papel na dinamização cultural das povoações que servem.

Na Monumental de Cascais efectuam-se corridas de **touros**.

Nos **parques e jardins** existentes (Parque Gandarinha, Palmela e do Estoril, por exemplo), a população pode passear e repousar das tarefas quotidianas. Outros se terão de construir.

Motivo de diversão proporcionam-no os **cinemas e teatros**; o Teatro Experimental de Cascais (T. E. C.) adquiriu fama internacional.

Durante o Verão, multiplicam-se os festejos e organizações de ordem cultural: os **Cursos Musicais Internacionais de Férias da Costa do Sol** (que reúnem categorizados músicos de renome mundial), a **Feira do Artesanato** (contribuição eficaz para a divulgação do artesanato português), etc.

Todas estas actividades são organizadas ou patrocinadas — dum modo geral — pela Junta de Turismo da Costa do Sol.

O **Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães** é local de visita obrigatório. Recheado de mobiliário antigo e de pinturas célebres, tem uma sala de Arqueologia, onde se podem estudar os objectos encontrados nas estações arqueológicas do concelho. A **biblioteca**, bastante actualizada, é frequentada por centenas de leitores. A carrinha da **biblioteca móvel** percorre mensalmente as localidades, levando a quantos queiram a possibilidade duma leitura acessível e gratuita.

ENSINO

Além das **escolas primárias** nos lugares principais, o concelho dispunha, no ano lectivo de 1975-76, de três **escolas preparatórias**: a do Prof. António Pereira Coutinho (com secções na Cidadela, no Monte Estoril e sede na vila), a de João Lúcio de Azevedo (no B.º da Pampilheira) e a de S. António (Parede); no edifício do Seminário da Torre da Aguilha (S. Domingos de Rana) também funcionam aulas de ensino preparatório oficial. Em S. João do Estoril há o **Liceu Nacional de Cascais** e, no Bairro do Rosário (Cascais), a Escola Secundária Polivalente. O Colégio dos Maristas (Carcavelos) foi cedido ao Ministério da Educação e Investigação Científica, devendo nele funcionar cursos secundários.

Existem estabelecimentos de **ensino particular** (infantil, primário, ensino preparatório e liceal).

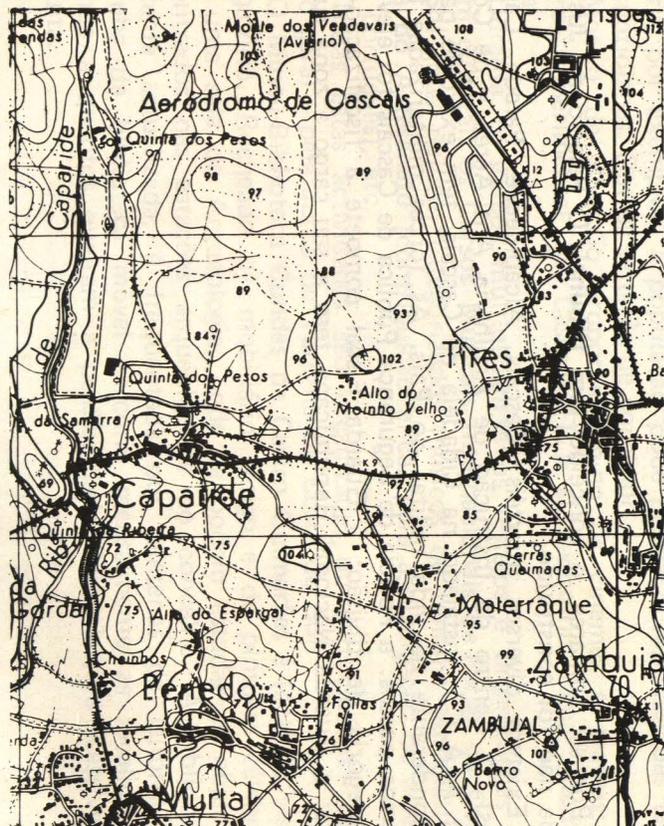
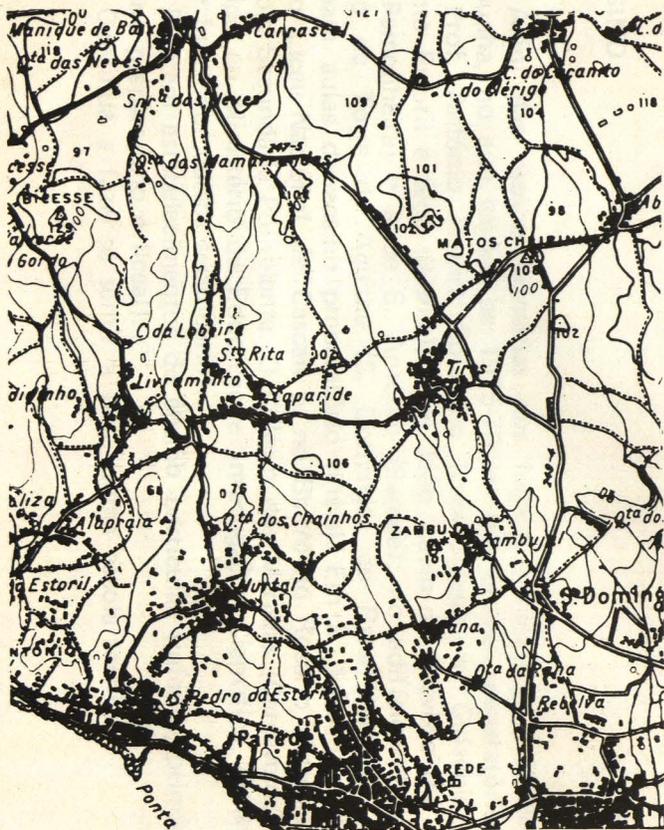
Continua a fazer-se sentir a falta duma **escola técnica**.

ESTABELECIMENTOS PÚBLICOS

Por ser comarca, o concelho tem tribunal. O Palácio da Justiça ainda não foi construído.

Existem diversos quartéis (Cascais, Alcabideche, Parede, Carcavelos). O Centro de Instrução de Artilharia Anti-Aérea e de Costa (C. I. A. A. C.), instalado na Cidadela de Cascais, tem exercido papel preponderante na vida militar do País. As forças militarizadas têm diversos postos: a Polícia de Segurança Pública de Cascais foi elevada à categoria de divisão; à Guarda Fiscal compete a fiscalização da costa; a Guarda Nacional Republicana tem a seu cargo a zona rural.

DESENVOLVIMENTO URBANÍSTICO



A carta topográfica da esquerda (escala: 1/50 000) data de 1955; a da direita (escala: 1/25 000) é de 1970. Notável, o aumento de casas verificado nesta pequena área.

QUARTA PARTE

TEXTOS

CASCAIS, TERRA PISCATÓRIA

Portagem sobre o pescado

Quaisquer pescadores que à dita vila trouxerem pescado pagarão por ano duas dízimas: a dízima velha ao senhorio dos outros direitos da dita vila e mais pagarão a outra dízima nova que, por razão do contrato dos pescadores, nos é devida. A qual, desde que uma vez se pagar em qualquer parte de nossos reinos, nem se pagará na dita vila nem em nenhum outro lugar deles. E declaramos os pescadores do dito lugar não serem obrigados a pagar as ditas dízimas nem nenhum direito no dito lugar de quaisquer pescados que forem vender a outras partes. E os que o dito pescado trouxerem e dizimarem na dita vila, se depois quiserem levar por mar e por terra, podê-lo-ão fazer, sem mais dele pagarem nenhuma dízima nem direito. E do pescado que se comprar no dito lugar para tirar para fora por terra se pagará um real por carga maior.

(Do foral dado por D. Manuel I a Cascais, em 1514).

Privilégios aos pescadores

Mandamos que todos os pescadores que morarem no dito lugar e termo de Cascais que continuamente pescarem todo o ano ou pelo menos oito meses, usando e vivendo pelo ofício de pescaria, que o nosso coudel os não constanja nem oprima a ter os ditos cavalos e armas, nem compareçam em alardo perante ele nem perante quaisquer outros que, depois dele, tenham esta missão do nosso coudel, de qualquer modo, pois assim é nossa mercê que seja cumprido. E posto que a algum aconteça alguma necessidade de doença ou de prisão ou outra semelhante coisa, pela qual seja impedido de pescar os ditos oito meses, nós mandamos por isso que lhe seja guardada esta nossa carta assim como se ele pescasse o tempo indicado. E esta lhe seja assim cumprida a todos, salvo se algum fosse achado que anda nisto maliciosamente, mostrando que era pescador e com mostranças fingiças e não verdadeiras não pescasse os ditos oito meses.

(Privilégio dado por D. João I, em 1427).

O 1.º documento refere o imposto (dízima) que os pescadores de Cascais deviam pagar: um, o antigo, ao senhor de Cascais (vestígio claro das obrigações feudais); outro, o novo, ao rei. Este último só é pago uma vez e no local de venda, de um modo geral: isso se depreende do facto de os pescadores poderem não pagar em Cascais a portagem do peixe que forem vender fora; no entanto, o peixe ali comprado com destino a outras povoações pagava portagem proporcional à quantidade ("um real por carga maior").

O 2.º documento, que foi sucessivamente confirmado pelos reis da 2.ª dinastia, isenta os pescadores da obrigação comum no Reino de terem cavalos e armas, obrigação essa que era verificada em revista ("alardo") pelo coudel-mor (cargo que tinha por objectivo fiscalizar a existência de cavalos em número suficiente, de acordo com as leis, o qual cargo — passado a honorífico — passou a ser hereditário na casa dos marqueses de Cascais). Esta protecção reveste-se de interesse económico importante, libertando os pescadores de pesado encargo.

DOIS VULTOS

João Lúcio de Azevedo

"A 19 de Abril de 1855, nasceu em Cascais um dos mais respeitados, valiosos e nobres servidores da cultura portuguesa: **João Lúcio de Azevedo**. Bem cedo saiu desta vila, pois frequentou o Colégio do Sérvulo, em Belém, e depois as Aulas de Comércio, que então funcionavam no Terreiro do Paço. Abandona os estudos e, muito novo ainda, dirige-se ao Brasil, à procura de emprego. Exemplo espantoso de autodidacta, emprega-se Lúcio de Azevedo numa livraria do Pará. Numa actividade constante e num esforço tenaz de se ilustrar, aprende vários idiomas, embora inclinado sempre à investigação histórica. Tendo casado com a filha do proprietário da livraria, veio ocupar a chefia do estabelecimento. Senhor de alguma fortuna, abandona o Brasil e, depois de, por certo tempo, ter residido em Paris, volta à Pátria, onde iniciou uma intensa vida de profícuo labor intelectual. A Lúcio de Azevedo (...) ficou a literatura portuguesa, e especialmente a história política e económica, devendo algumas das suas principais e mais brilhantes obras. "Do incansável labor de João Lúcio de Azevedo — lê-se na notícia da sua morte, ocorrida em Novembro de 1930 (...) — exercido durante mais de trinta anos, resultaram livros que o consagram como um dos maiores historiógrafos. Da admirável obra por ele legada destacam-se os volumes: **Jesuítas no Grão Pará, Novas Epanáforas, O Marquês de Pombal**

e a Sua Época, Vida do Padre António Vieira, Cristãos Novos, Épocas de Portugal Económico e Evolução do Sebastianismo". E mais adiante: "Dotado duma grande modéstia, traduzida em todos os actos da sua vida, João de Azevedo, apesar de instado, por diversas vezes, a escrever uma história do Brasil, escusou-se sempre a isso, pois a despeito da sua inexcedível competência, não se considerava possuidor dos predicados necessários".

(in "Cascais, Vila da Corte", de Ferreira de Andrade, p. 279-280)

António Pereira Coutinho

"Faleceu, a 13 de Fevereiro (de 1964), o Dr. D. António Pereira Coutinho figura revelante no concelho, onde exerceu com muita dedicação as funções de médico municipal, subdelegado de Saúde, clínico do Hospital da Misericórdia, da Associação dos Bombeiros, da Legião Portuguesa, da Casa dos Pobres e da Policlínica de Cascais. Pessoa de fino trato, extremamente modesto, foi amigo dos pobres, a cujo serviço se devotou desinteressadamente.

Desde logo, foi ideia dos munícipes, prontamente concretizada pela Câmara, homenagear o Dr. António Pereira Coutinho. Foi dado o seu nome a uma rua da Amoreira e à primeira Escola Preparatória do concelho. Justa homenagem a um grande coração".

(in "Cascais, Vila da Corte — Índices e Suplemento", de José d'Encarnação, p. 77).

CLIMA DA COSTA DO SOL

Do opúsculo "*Elementos para o Conhecimento do Clima do Estoril*", do Dr. H. Amorim Ferreira (Cascais, 1941), respigamos:

"Ao Dr. Dalgado deve o Estoril, como instância de inverno, preciosos serviços. O seu entusiasmo era tal que chega a afirmar que no Estoril, os sapatos nunca têm bolor, as ruas não estão húmidas de manhã, os telhados não se cobrem de musgo e o ferro nunca cria ferrugem" (p. 4).

Regista gráficos mensais (de 1931 a 1940) de temperatura do ar, humidade relativa, insolação, precipitação, sendo analisados — em comparação com Lisboa — cada um destes elementos. Sintetizamos:

Temperatura: dias/ano com máxima superior a 25°: 53 (Estoril), 65 (Lisboa); dias/ano com mínima superior a 20°: 2 (Est.), 6 (Lisboa).

Humidade: Às 9 h — médias dos meses de Inverno, 75°/o (Est.), 80°/o (Lisboa); meses de Verão, 67°/o (Est.), 65°/o (Lisboa). "O ar é mais seco no Inverno e um pouco mais húmido no Verão do que em Lisboa".

Vento: "Como o Estoril tem fama de ventoso, sobretudo no Verão, pode mencionar-se que os valores já apurados da velocidade média diurna do vento no Estoril são sempre inferiores aos valores correspondentes em Lisboa. Assim, a velocidade média diurna do vento no Estoril no mês de Julho (que é o mais ventoso) é de 13,5 km/h; e em Lisboa é de 19,1 km/h" (p. 10).

oOo

Da comunicação "Clima da Costa do Sol", apresentada em 1930 por Armando Narciso e Marques da Mata, transcrevemos:

"Todas as nossas médias de temperaturas, pressão e estado do tempo são de dez anos (1908/1917), somente as observações que se referem à direcção dos ventos são de seis anos, e as observações de humidade são de cinco anos" (p. 9).

"Média anual da temperatura, 16°,6; desvio térmico, 11°,7 (...); dias de chuva, 35; dias de céu limpo, 273,5; dias de céu coberto, 20,2; dias de nevoeiro, 1,4; dias de trovoada, 0,8; dias de temporal, 1,9" (p. 10-11).

"Na Costa do Sol o Inverno é constituído por três meses (Dezembro, Janeiro e Fevereiro), o Verão por três meses (Julho, Agosto e Setembro), a Primavera por quatro meses (Março, Abril, Maio e Junho) e o Outono por dois meses (Outubro e Novembro)" (p. 17).

"Não se deve chamar Inverno (...) a uma estação que tem de temperatura média cerca de 13°" (p. 19).

"A geada não existe. O nevoeiro é quase inapreciável" (p. 23).

oOo

O quadro que se segue, relativo a 1973, pode considerar-se tipo: poucas variações existem de ano para ano.

CLIMA DA COSTA DO SOL

(Dados obtidos na estação climatológica do Monte Estoril, amarelmente cedidos pela Junta de Turismo da Costa do Sol)

Temperaturas médias em 1973 (°C)

	Máximas	Minimas	Médias	Água de mar *	Por estações
Jan	15,0	6,0	10,5	12,2	Inverno — 11,5
Fev	16,0	8,1	13,0	13,5	Primavera — 15,6
Mar	20,5	13,8	17,5	15,5	Verão — 20,6
Abr	19,3	11,2	16,1	15,1	Outono — 17,6
Mai	22,7	14,3	18,4	14,9	
Jun	22,9	16,3	19,5	17,4	
Jul	26,8	17,6	22,2	17,3	
Ago	31,0	16,8	24,5	18,0	
Set	27,5	17,0	22,5	17,5	
Out	21,5	15,0	19,0	16,5	
Nov	20,0	9,5	15,3	15,5	
Dez	14,5	5,0	9,0	12,0	

* Dada pelo mareógrafo de Cascais.

Dezembro de 1975

Elementos Dias *	Temperaturas (em °C)			Pluviosidade (em mm)
	Máxima	Mínima	Água do mar	
10	14,8	7	13,0	2,0
11	15,0	6,0	13,5	12,0
12	15,2	6,0	13,5	4,5
13	15,2	5,0	13,5	4,5
14	12,0	3,0	13,6	0,0
15	12,5	3,5	13,6	0,0
16	10,0	2,5	13,8	5,0

* Considerados bastante mais frios do que é habitual.

TERMAS DO ESTORIL

Resumimos passagens da comunicação "A Costa do Sol Hidrológica e Climática", apresentada em 1960 por Marques da Mata, acerca das termas do Estoril:

Já em 1788 se construíram divisões para banhos, sendo uma melhor para pessoas de maior distinção (entre as quais, D. José I).

A primeira análise da água data de 1791; a segunda, de 1835.

Tanto em 1838 como em 1843, o Diário do Governo publica anúncios recomendando as termas, onde se teriam feito obras para maior comodidade dos utentes, uma vez que o sítio, dantes, como diz um dos autores citados, era "árido, pedregoso e areento, sem nenhum arvoredado, muito açoutado pelo vento, descoberto inteiramente ao sul" (p. 8).

Em 1892, lê-se num trabalho, a estação balnear era de 1 de Maio a 15 de Novembro e os banhos atingiam, em média, os 5000.

A 17-4-1894, o Governo concede por tempo ilimitado licença definitiva a José Viana da Silva Carvalho para exploração da nascente, o qual constrói um balneário em estilo árabe.

Em 1907, a época fazia-se de 24 de Junho a 31 de Outubro; média, 1000 doentes.

Após 1915, é demolido o balneário de Viana e construído um outro, luxuoso, com piscina coberta, morna.

Novas análises são feitas em 1931 (Charles Lepierre), 1944 e 1955 (Herculano de Carvalho).

Em nota de rodapé (p. 35), o autor diz "a estância está encerrada há muito tempo", sem especificar quando terminou a exploração.

Do Anuário Médico-Hidrológico de Portugal, 2.^a edição, da autoria do Dr. M. Marques da Mata, publicado pela Direcção-Geral de Saúde em 1963, pp. 591-592, recolhemos os seguintes dados, acerca das águas (inexploradas) que brotam junto do Hotel Palácio (Estoril):

Bosquejo analítico: água termal (35 °), hipersalina, cloretada sódica, magnésica, bicabornatada, bastante radioactiva (emanação de rádio dissolvida) e bacteriológicamente pura.

Técnicas termais: banhos de imersão simples, carbogasosos, com duche subaquático, com irrigação vaginal, enterocolise. Duches escocesas, circulares, de chuva.

Acção fisiológica: em uso interno exerce acção benéfica sobre a mucosa gástrica e intestinal, dissolve o muco, excita a musculatura lisa, actua sobre a acidez gástrica e reforça o poder péptico do estômago.

Em uso externo exerce acção revulsiva, analgésica, estimulante do metabolismo e sedante pela sua radioactividade.

Meios acessórios de diagnóstico e de tratamento: laboratório de análises clínicas. — Fisioterapia geral, mecanoterapia e massagens. Piscina de natação com água termal.

Indicações terapêuticas — Gastrites e dispepsias principalmente nos escrofulosos e enterocolites atônicas.

Várias formas de reumatismo, artropatias, dermatoses tórpidas sobretudo nos escrofulosos, amenorreias, metrites linfáticas e metro salpingites crônicas.

Contra-indicações do tratamento termal: apenas os doentes fortemente debilitados, assistolias, caquexias, etc.

AS DUNAS DO GUINCHO VÃO SER CLASSIFICADAS COMO RESERVA

A ecóloga brasileira Sónia Lúcia Pestana da Rocha estudou durante um ano a vegetação das dunas do Guincho. Em conferência proferida no dia 6, à noite, nos Paços do Concelho de Cascais, propôs que essa zona fosse considerada reserva vegetal, dado o seu grande interesse.

Sónia Rocha começou por definir Ecologia, estudo da estrutura e função da Natureza (segundo Odum), salientando que o centro de interesse da Ecologia é a própria humanidade e não apenas (como poderia supor-se) o animal ou a planta, uma vez que o homem da natureza depende intrinsecamente.

Referindo que, até ao fim do século, a população mundial duplicará (seremos, então, 7 biliões), Sónia Rocha afirmou que a revolução industrial, provocando um desequilíbrio na natureza, determinou um comportamento actual diversificado, mas todo ele orientado no sentido de restabelecer, de algum modo, o equilíbrio perdido. Assim explicou S. R. o êxodo rural, a fuga nos fins-de-semana para as áreas verdes, o movimento "hippy", os temas musicais que falam de um regresso à Natureza...

No entanto, mostrou como **todos estamos já muito viciados**. Citou: **fugimos para o campo, mas vamos de carro e não dispensamos o frigorífico; os hippies abominam a cidade, mas deslocam-se à boleia...**

A biosfera vai-se degradando; tem havido uma exploração anárquica dos recursos naturais; acelera-se a degradação do solo; aumentou 1 bilião de hectares a superfície dos desertos... "As florestas precedem os povos; os desertos acompanham-nos" (Chateaubriand). O uso descontrolado de agentes químicos, pesticidas e insecticidas provoca iminente perigo para a saúde dos animais e do homem, que é o ser com menos capacidade de adaptação às mutações ambientais.

Destruir é fácil; para reconstituir 3 centímetros de solo são necessários de 4 a 10 séculos!

Esta introdução geral, de extrema importância, merecerá talvez um tratamento mais sistemático — e mesmo o complemento que, depois da conferência, o Prof. Baeta Neves nos forneceu acerca do momentoso problema da sobrevivência humana no ano 2000, não foi mais que ligeira abordagem de uma situação cruel. Disse Baeta Neves que, para satisfazer as necessidades da Índia, se teriam de fazer 1000 (mil!) hospitais por dia, 10 000 (dez mil!) casas por dia! A cada criança que hoje sobrevive corresponderão três crianças que morrem no fim do

século. Sobre se quem deveria mandar — os ecólogos ou os políticos — Baeta Neves afirmou que a Ecologia devia preceder a Política. Em Tóquio, exemplificou, já há máquinas de oxigénio nas ruas: põe-se a moeda e respira-se oxigénio, para suprir as deficiências de uma atmosfera altamente poluída...

Entrando propriamente no assunto que determinara a conferência, Sónia Rocha definiu as dunas do Guincho "uma relíquia natural esquecida no tempo" e declarou ter sido o vento o maior responsável por ainda hoje se manter — apesar de vários atentados já cometidos — uma zona tão importante, não só no aspecto vegetal como também geológico (as rochas encontram-se estratificadas de forma curiosa devido à acção do vento) e até climático.

As 49 espécies vegetais espontâneas por ela identificadas nas dunas revestem-se do maior interesse, quer por terem sobrevivido num solo de grande instabilidade (por causa dos ventos) quer por sofrerem grande insolação, quer — ainda — pela falta de humidade (nutriente) que aí se faz sentir.

Tendo mostrado inúmeras fotografias das espécies que estudou, Sónia Rocha referiu o interesse que, ao longo do ano, viu os turistas manifestarem pelas plantas da região — o que é, em seu entender, mais um motivo para urgentemente se classificar a zona das dunas como uma reserva vegetal.

Conversando com o Prof. Baeta Neves, viemos a saber que no Guincho se encontra uma planta que não existe em mais nenhuma parte do mundo, a "Armeria Pseudarmeria", nome científico dado a um tipo da planta vulgarmente chamada "saudade".

O Prof. Baeta Neves disse-nos que, para além do interesse vegetal, propriamente dito, a orla marítima de Cascais ao Cabo da Roca se revestia de um extraordinário interesse geológico, constando mesmo de uma lista dos 79 locais de Portugal que importa proteger. Informou-nos também que, num livro a publicar brevemente em Espanha, sobre as maravilhas da Península, a Boca do Inferno figura ao lado da Serra do Gerês, da Serra da Estrela e do litoral algarvio.

(in *Jornal da Costa do Sol* 15-2-1975).

AS OBRAS NA IGREJA MATRIZ DE CASCAIS

A igreja de 1900

Prosseguem a bom ritmo as obras de benefício na igreja matriz de Cascais.

Procedeu-se ultimamente ao levantamento do chão de madeira e teve-se a surpresa de encontrar, além de muitas caixas de ossadas, o lajeado que permitiu saber como era a traça primitiva do pavimento, antes da sua mais recente remodelação.

É intenção do Prior dar à matriz o aspecto que tinha em 1900, altura em que foi bastante modificada. Por outro lado, toda a azulejaria será respeitada e, se possível, reconstruída com fragmentos dispersos que se encontram no compartimento de união das sacristias. De resto, há problemas de reconstituição de painéis dos azulejos que, se houver possibilidade, tentarão ser resolvidos da melhor forma e com o maior cuidado.

O Templo possui valiosas qualidades artísticas

A igreja matriz de Cascais, que tem como orago N.^a Sr.^a da Assunção, deve ser anterior ao séc. XVII, embora o que dela actualmente reste, arquitectonicamente, não possa ir além desse século. A par da outra igreja matriz, a da Ressurreição (que existia cerca da actual estação dos caminhos-de-ferro), era o templo mais importante da vila e tem sofrido amplas remodelações ao longo dos séculos: as primeiras de que há notícia, feitas na segunda metade do séc. XVII, foram de tal ordem que (como actualmente) a igreja foi encerrada ao culto. Já nessa época era "um grande templo posto em toda a sua última perfeição", como diz um dos seus priores, o P. Marçal da Silveira, no relatório que fez após o terramoto de 1755.

As obras devem ter-se prolongado pelo século seguinte, como o dá a entender o facto de os seus azulejos estarem datados de 1748 e 1720. Outras se fizeram após o sismo que o destruiu em parte.

O templo é bastante rico em azulejaria, que recobre as paredes da nave única, até um terço da altura, e as sacristias. Os altares são em talha dourada sendo particularmente notável o altar-mor, num estilo nacional majestoso e equilibrado. Na capela-mor há notáveis quadros do séc. XVI. Na nave, as telas são de Josefa de Óbidos (séc. XVII). A Sr.^a da Assunção pintada no tecto é de Malhoa.

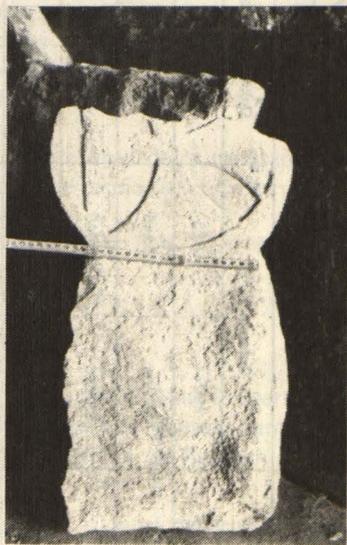
Descoberta mais uma cabeceira de sepultura visigótica

Sob o soalho e precisamente a sustentar as vigas, foi encontrado um bom fragmento de cabeceira de sepultura do tempo dos Visigodos.

Segundo consta, a sul da matriz existiu um cemitério muito antigo que foi destruído quando se fez o jardim. É possível que muitas das ossadas aí existentes tenham vindo para o chão da igreja, onde agora foram encontradas. No entanto, o cemitério deveria datar da época visigótica (séculos VI a VIII da nossa era), porquanto as cabeceiras de sepultura encontradas são características desse povo cristão.

O fragmento, agora posto a descoberto, encontra-se em perfeito estado de conservação como se pode ver pela foto que publicamos. É em calcário branco, micáceo, da região, e trata-se da quarta cabeceira de sepultura que temos, proveniente do mesmo local: duas estão no Museu do Conde de Castro Guimarães e a terceira no jardim do antigo Convento da Piedade (residência actual dos condes de Mafra).

(in *Jornal da Costa do Sol*, 24-III-1973)



ABASTECIMENTO DE ÁGUA *

	Consumidores		Consumos cobrados (m3)		Captações do concelho (m3)		Conduta de Cascais — EPAL (m3)	
	1974	1975	1974	1975	1974	1975	1974	1975
JAN	35 264	38 345	425 216	495 602	218 100	120 600	393 850	503 670
FEV	35 663	38 649	434 766	520 001	234 200	186 400	336 910	400 350
MAR	36 014	38 804	432 460	401 300	244 000	284 100	384 020	358 580
ABR	36 252	39 055	493 342	1 055 733	218 700	344 078	409 350	383 440
MAI	36 502		486 974		241 400	242 500	510 580	566 860
JUN	36 695	39 480	650 805	590 931	207 700	203 900	568 010	653 519
JUL	36 608	39 815	610 675	628 124	248 600	537 300	679 000	618 450
AGO	37 273	40 149	772 909	1 210 381	192 100	171 400	706 970	682 621
SET	37 796		1 226 935		147 800	97 900	673 010	441 409
OUT		40 401	592 315	85 000	87 700	626 970	552 810	
NOV	37 943	40 918	584 522	568 053	76 400	97 314	577 050	486 467
DEZ	38 144		495 200		87 300		573 730	

* Dados dos Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento do Concelho de Cascais.

LOTEAMENTOS CLANDESTINOS, UM PROBLEMA DE QUALIDADE DE VIDA

Na sessão pública do Município de Cascais, de 17 do corrente, foi mais uma vez alertada a população para o facto de os loteamentos não aprovados, bem como as casas construídas desordenadamente, sem obediência a um plano de urbanização, estarem a contribuir para dificultar ainda mais a vida às classes trabalhadoras do concelho.

Primeiro, porque — de um modo geral — essas casas vêm a ser edificadas em zonas não aconselháveis, quer porque estão localizadas onde não existem quaisquer infra-estruturas (água, luz, esgotos), quer porque nem sempre são respeitados aspectos técnicos indispensáveis. Desses factos deriva que o trabalhador fazendo a sua casa "clandestinamente" na suposição de que está a poupar dinheiro, comete um erro, porque — mais tarde — quando quiser obter a ligação aos esgotos, quando quiser puxar a luz, vai pagar muitíssimo mais do que pagaria em circunstâncias normais. Ora, isto é de prejuízo imediato para o construtor "clandestino". E não só para ele. Também para os seus concidadãos, porque — para atender às necessidades dum bairro construído fora dos planos — o Município necessita de despende quantias muito mais elevadas do que é normal; portanto, todo esse dinheiro gasto a mais, por culpa dos construtores egoístas, é como que roubado à comunidade (pois a tais quantias poderiam ser dados destinos que a todos aprofitassem).

Em segundo lugar, a construção clandestina está a agravar o desemprego. Porque, de maneira geral, os construtores clandestinos fazem as suas casas com o apoio de pessoas (pedreiros, carpinteiros, serventes, etc.) que se dedicam a "ganchos" ou por estarem desempregados ou porque preferem essa situação (que lhes não oferece garantias de futuro) a uma situação regularizada (com descontos para a Caixa, por exemplo). Ora, são esses trabalhadores de oportunidade que estão a tirar o trabalho a pequenas e médias empresas — muitas delas geridas pelos trabalhadores, até em regime de cooperativa — que estão a sobreviver a muito custo, pois têm uma série de encargos a manter.

Urge, pois, que as comissões de moradores encetem verdadeira campanha de mentalização das pessoas, advertindo-as dos erros que estão a cometer e dos quais sofrerão as primeiras consequências.

(in "Jornal da Costa do Sol", 27-9-1975)

VISITA À FÁBRICA DE PÃO

De um trabalho conjunto de alunos do 2.º ano do Ensino Preparatório, feito em Novembro de 1975, transcrevemos os dados que eles conseguiram obter durante uma visita por eles efectuada às instalações de Alvide da Pani-Sol:

Como se faz o pão:

1.ª parte: Sai a farinha da casa da mesma, que é o local de armazenagem

das farinhas. Depois entra nas máquinas de amassar, onde lhe é adicionado sal, água e fermento. Esta operação dura cerca de um quarto de hora. Esta massa é cortada em empelos de um quilo que ficam a estabilizar, e depois vão a uma máquina de cortar unidades, cortando cada empele, que dá cerca de trinta unidades.

2.ª parte: Vão para a tendeira, e daí para os carros donde são transferidos para os fornos aquecidos a gás, que trabalham à temperatura de 300 graus centígrados. Já cozidos, os pães descem por uma espécie de tapete rolante até ao rés-do-chão. Consoante o tipo de pão, assim é canalizado para a sua expedição.

3.ª parte: O pão de consumo corrente é expedido a granel para os cestos de plástico. O pão de forma é também expedido dentro dos mesmos cestos, mas nestes os pães já vão arrumados devido à sua forma geométrica. Alguns desses pães vão para uma máquina que os corta em fatias para fazer tostas, que são embaladas em papel.

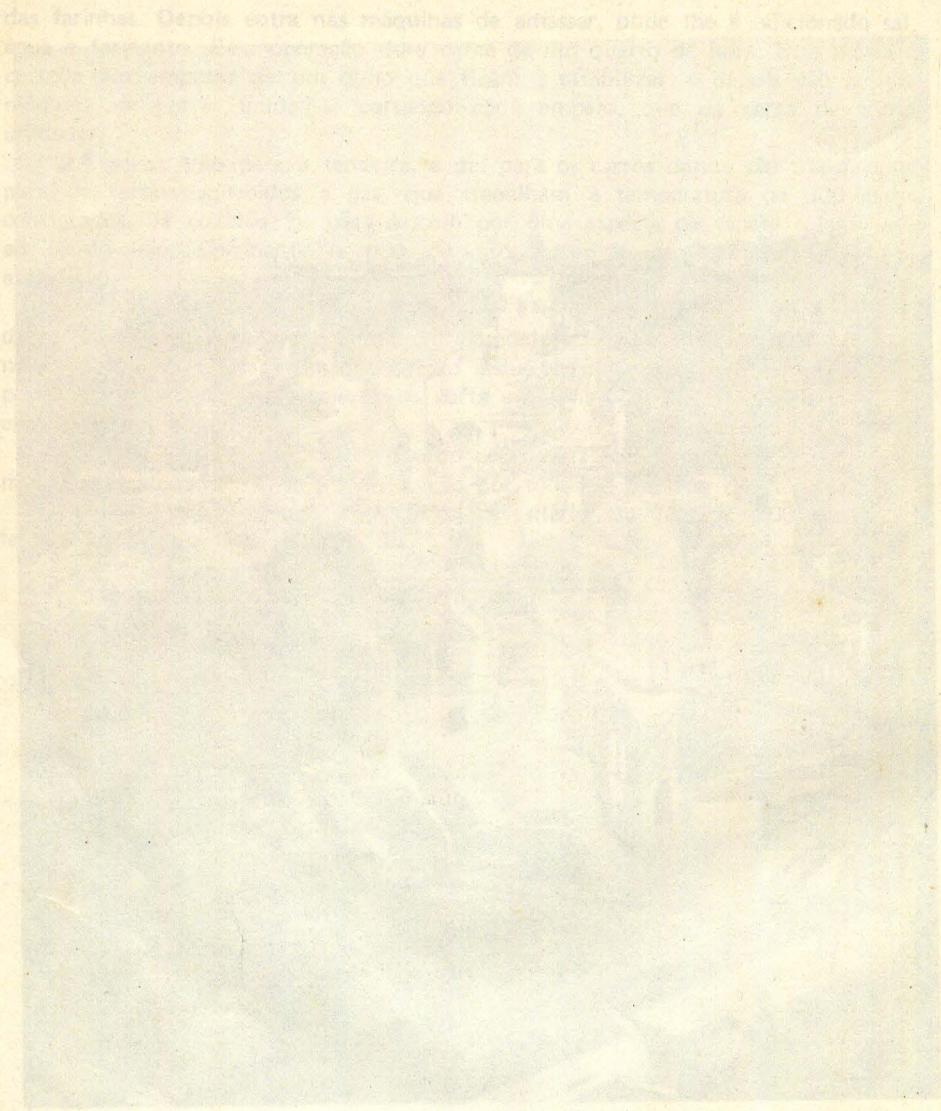
4.ª parte: Todo o pão é distribuído pelas várias camionetas da fábrica, cujo motorista e ajudante fazem a distribuição por todas as padarias do concelho.

Quantos trabalhadores: 250. **Consumo diário da fábrica:** 200 sacos de farinha com 60 kg cada um.

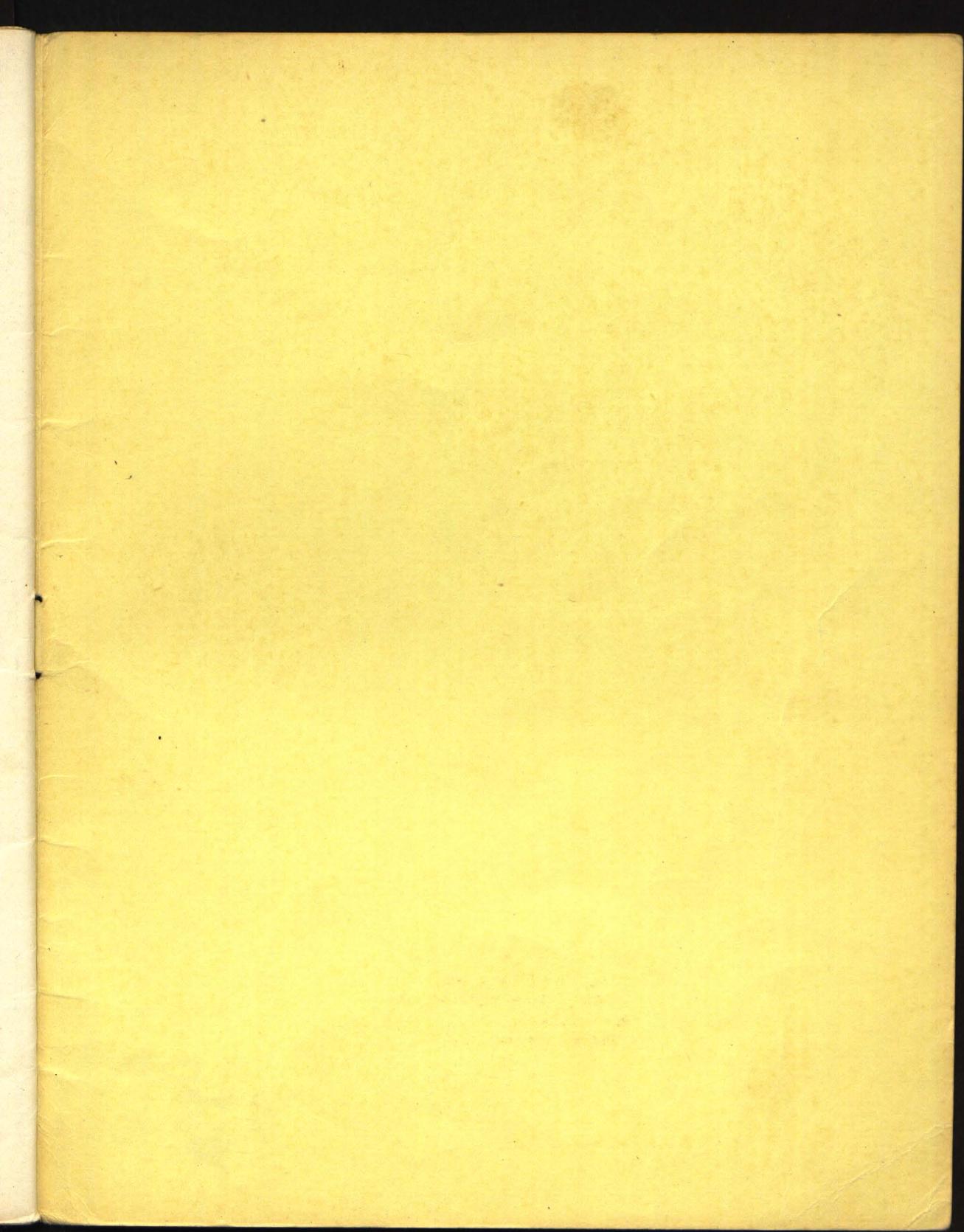


Um dos recantos mais bonitos do concelho — Do alto do farol de S. Marta, vêm-se em primeiro plano palmeiras (características de climas mediterrânicos) e uma antiga casa apalaçada cuja chaminé lembra as do Paço Real de Sintra; um calmo braço de mar passa sob a estrada que vai para o Guincho e espraia-se além no areal da Praia de S. Marta. Mais ao fundo o Palácio dos Condes de Castro Guimarães legado ao concelho como museu-biblioteca, bem envolvido pela luxuriante vegetação do Parque Gandarinha.

(Foto editada pela Junta de Turismo da Costa do Sol)



Um dos recantos mais bonitos
TIPOGRAFIA ELEGANTE, LDA.
Amoreira-Estoril
1.000 Ex. - Janeiro 1976



30

946.9
S/nº

129022



História e geografia